

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

MACCISE, Camilo - CHALMERS, Joseph
*Perder para ganhar.
O Itinerário da Beata Teresa Benedita
da Cruz*

SCHANDL, Felix M.
*Eu vi crescer
a Igreja desde o meu povo*

PAYNE, Steven
Edith Stein e S. João da Cruz

JOÃO PAULO II
*Homilia da Missa de Beatificação de
Edith Stein*
*Homilia da Missa de Canonização de
Edith Stein*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Santa Teresa Benedita da Cruz 83

CAMILO MACCISE - JOSEPH CHALMERS

Perder para ganhar.

O itinerário da Beata Teresa Benedita da Cruz 87

FELIX M. SCHANDL

Eu vi crescer a Igreja desde o meu povo 107

STEVEN PAYNE

Edith Stein e S. João da Cruz 127

JOÃO PAULO II

Homilia da Missa de Beatificação de Edith Stein 143

Homilia da Missa de Canonização de Edith Stein. 153

NÚMERO 26

Abril – Junho 1999

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade - Ap. 141
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Joaquim da Silva Teixeira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780-564 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1999)	3.000\$00
Espanha	Ptas 2.800
Estrangeiro	USA \$ 35
Número avulso	850\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

TERESA BENEDITA DA CRUZ

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«A minha primeira hora da manhã pertence ao Senhor. Hoje quero ocupar-me das obras que o Senhor quer encomendar-me e Ele dar-me-á a força para as realizar... Uma profunda paz inundará o meu coração, e a minha alma esvaziar-se-á de tudo aquilo que a pretendia perturbar... ela será cumulada de santa alegria, de valentia e de fortaleza. Os seus horizontes ampliam-se e alargam-se porque ela saiu de si mesma para entrar na vida divina...

E quando chega a noite e a revisão do dia nos mostra que muitas das nossas obras foram fragmentárias e outras, que também nos tínhamos proposto, ficaram sem fazer e aparece em nós uma espécie de vergonha e arrependimento, nesse momento temos de ver as coisas tal como elas são, temos de as colocar nas mãos de Deus e abandoná-las n'Ele. Desse modo se pode descansar n'Ele para, depois de recuperarmos realmente, começarmos o novo dia como se fosse uma nova vida» (Edith Stein).*

Este belo testemunho orante de Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz, a nova Santa Carmelita Descalça, convertida do judaísmo, morta nas câmaras de gás do campo de concentração de Auschwitz, dá-nos pé para começarmos mais este número de *Revista de Espiritualidade* dedicado à sua memória, no rescaldo ainda da sua canonização em 11 de Outubro do ano passado. De facto, Edith Stein foi uma mulher verdadeiramente orante e deixou-nos belos textos que são autênticos retratos do seu perfil orante.

* Estes testemunhos encontram-se recolhidos em Revista *Orar*, nº 16, Burgos 1998.

Desde pequena, no seio familiar, soube viver com enorme alegria a tradição orante judaica, presente na vida da sua família; porém, quando chega à adolescência, coloca-se pessoalmente profundas interrogações sobre o sentido da vida e da religião. E não encontra resposta para as suas perguntas na «tradição dos pais». Além disso, a falta de esperança que ela própria descobre nos funerais judeus, levam-na a abandonar o seu Deus, um Deus demasiado distante e que não enche de vida.

Nos seus estudos, sobretudo quando já está na Universidade, mais do que um curso ela continua a procurar respostas, sobretudo uma muito fundamental: «Que sentido tem a existência humana?» De facto, virá a escrever um dia: «A minha única oração foi a busca da verdade»; porque descobriu verdadeiramente que «quem busca a verdade, seja ou não consciente disso, busca a Deus». Por isso é que numa reflexão para a comunidade em que vivia, a comunidade do convento de Echt, na Holanda, por ocasião da festa da Epifania de 1940, dizia:

«Neles (nos Reis Magos) fervilhava um desejo puro de alcançar a Verdade, que não se deixa conter nas fronteiras das doutrinas e tradições particulares. Deus é a Verdade e Ele quer manifestar-se a todos aqueles que O procuram de coração sincero. Por isso, mais tarde ou mais cedo tinha que aparecer a estrela a esses «sábios» para os conduzir pelo caminho da Verdade. Por isso se apresentam diante da Verdade incarnada e, prostrados diante dela, depositam as suas coroas aos seus pés, pois todos os tesouros do mundo não passam de pó quando são comparados com ela».

A experiência profunda, quase mística, que Edith Stein tem da oração antes ainda da sua conversão, bem como o impulso decisivo dado por Santa Teresa de Jesus, a grande mestra da oração, marcou profundamente a sua vida. Assim, a oração, o diálogo pessoal com Deus, será o centro do seu dia:

«A oração é a relação da alma com Deus. Deus é amor, e o amor é bondade que se oferece a si mesma; uma plenitude existencial que não se fecha em si mesma, mas se derrama, que quer oferecer-se e tornar feliz.

É a esse transbordante amor de Deus que toda a criação deve o seu ser... A oração é a façanha mais sublime de que o espírito humano é capaz.

Mas não é rendimento humano. A oração é como a escada de Jacob, pela qual o espírito humano sobe para Deus e a graça de Deus desce para os homens».

Foi na véspera da festa de Santa Teresa de Jesus, em 1933, que Edith Stein entrou no Carmelo de Colónia. Foi dolorosa a despedida da sua família, principalmente porque a mãe, uma judia muito piedosa, não conseguia compreender a escolha que a filha fizera. Mas Edith via muito claramente o caminho; aliás, a sua visão já tinha progredido desde a sua conversão. Agora sentia que tinha de fazer alguma coisa pelo seu povo ferozmente discriminado pela nova política instaurada. O caminho que ela melhor reconhece é o da oração. E, tal como a sua mestra, descobriu na contemplação um meio apostólico para vencer os inimigos e lutar contra os males da humanidade. Chegará a escrever numa carta a uma amiga, em 1934: «O fundamento da nossa vida são as duas horas de oração que o horário indica». E noutro momento escreverá assim sobre a vida da Carmelita:

«Elas (as horas de oração) são o ponto central da sua vida e desde aqui ela constrói tudo; aqui encontra descanso, claridade e paz; aqui encontram solução todas as dúvidas e problemas; aqui se conhece a si mesma e o que Deus espera dela; aqui pode apresentar os seus pedidos e alcançar os tesouros da graça que generosamente pode partilhar com os outros».

Em Edith Stein a oração converteu-se em vida, a oração é a sua vocação. Este é o seu apostolado, a sua entrega, a sua participação na cruz de Cristo: «interceder com o sofrimento voluntário e alegre a favor dos pecadores e colaborar assim na salvação da humanidade».

Através do mistério da cruz presente na sua história pessoal e familiar, descobre, melhor que nunca, a realidade apostólica de uma oração que une com o Crucificado: entregando a sua própria vida, dando prova do acto supremo do amor. «Digna-Te, Senhor, coroar com o martírio a cabeça da Tua indigna serva», rezou ela algum tempo antes de ter sido morta em Auchwitz.

Que este número da *Revista de Espiritualidade*, que procurou recolher o que de melhor se escreveu sobre Edith Stein, proporcione bons momentos de leitura e de conhecimento desta nova Santa universal.

Saberei esperar pacientemente
até que chegue a hora,
a hora assinalada por Ele,
e caminhar na escuridão,
como nos guia
o doce sopro do Espírito,
para recolher, sem ser vistos
por nenhum olhar humano,
as flores que mostram o caminho...

PERDER PARA GANHAR

O itinerário da Beata Teresa Benedita da Cruz
(Edith Stein)*

CAMILO MACCISE OCD
JOSEPH CHALMERS OCARM

Queridos irmãos e irmãs no Carmelo:

1. No próximo dia 11 de Outubro do presente ano será canonizada, em Roma, na Basílica de S. Pedro, a nossa irmã, a Beata Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). A sua canonização marca o fim de um itinerário feito na procura da verdade, que a levou, acompanhado de sofrimento e abnegação evangélica, a entrar na dupla dimensão do mistério pascal: a morte e a ressurreição; isto é, perder a vida por Cristo para a encontrar (cf. Mt 10,39). Ao abandonar o Carmelo de Echt, na Holanda, e enquanto estendia a mão à sua irmã Rosa, pronunciou uma frase que revela a entrega da sua vida: *«Vem, ofereçamo-nos pelo nosso povo»*. Na verdade, quando os bispos da Holanda, numa Carta Pastoral, protestaram duramente contra as deportações dos Judeus, os nacional-socialistas, que no início excluía os judeus baptizados, vingaram-se determinando também o extermínio dos judeus de fé católica. Edith Stein, ao mesmo tempo que morria como seguidora de Jesus, oferecia o seu martírio pelos seus irmãos de raça.

* Carta circular dos Superiores Gerais Fr. Camilo Maccise, OCD e Fr. Joseph Chalmers, O. Carm., por ocasião da canonização da Beata Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), dada em Roma, 9 de Agosto de 1998, Memória da B. Teresa Benedita da Cruz.

A canonização de Edith Stein é uma nova interpelação que Deus dirige à Igreja e, principalmente, a nós, membros do Carmelo, no limiar do Terceiro Milénio. A vida desta grande mulher judia, buscadora da verdade e seguidora de Jesus, oferece uma mensagem actual para as relações entre a fé e a ciência, o diálogo ecuménico, a vida consagrada, a espiritualidade, dentro e fora da Igreja.

Abertos à voz do Espírito que chega até nós pela vida e martírio da nossa irmã, tentemos penetrar na sua experiência e nos seus ensinamentos a fim de renovar a nossa vida e tornar a nossa vocação e a nossa missão mais dinâmica e comprometida.

I - Edith Stein, uma mulher do nosso tempo

2. Edith Stein é uma mulher do nosso tempo que oferece, com a sua vida e os seus escritos, elementos de grande importância para ajudar a eliminar certas visões unilaterais, que não se ajustam ao pleno reconhecimento da dignidade da mulher e da sua contribuição específica na sociedade e na Igreja. No nosso tempo, «é urgente realizar alguns passos concretos, começando pela abertura às mulheres de *espaços de participação* nos vários sectores e a todos os níveis, mesmo nos processos de elaboração das decisões, sobretudo naquilo que lhes diz respeito».¹

Uma mulher à procura da verdade

3. Edith Stein passou a maior parte da sua vida à procura e ao encontro da verdade. No princípio, abandonou a fé judaica e dedicou-se à filosofia tentando perceber o sentido da existência humana. Do ateísmo passou a abraçar a fé católica e, no seu seguimento de Jesus, vai adquirindo experiencialmente a «ciência da cruz». Esta proporcionar-lhe-á as condições para entrar no Carmelo e, mais tarde, para morrer pela fé e pelo seu povo.

¹ *Vita consecrata*, 58. Cf. 57.

Reconsiderando o seu caminho de procurar a verdade, chegou à conclusão de que «*Deus é a verdade. Quem anda à procura da verdade anda, sem o saber, à procura de Deus*»² e «*quem procura a verdade vive profundamente o dinamismo da sua razão; e se, realmente, isso é para ele a verdade (e não a mera acumulação de conhecimentos particulares), ficará, sem o saber, mais perto de Deus, que é a Verdade, e do seu próprio interior*».³

4. A longa procura da verdade e da autenticidade termina definitivamente no seu encontro com Teresa de Jesus. Decorria o mês de Agosto de 1921. Edith, hóspede na casa de uns amigos, descobre na sua biblioteca a autobiografia da Santa de Ávila: «*Peguei, ao acaso, num livro grosso, que tinha por título: Vida de santa Teresa de Jesus, escrita por ela mesma. Comecei a lê-lo e, num instante, fiquei cativada e não consegui parar enquanto não cheguei ao fim. Quando terminei a leitura, disse a mim mesma: “Esta é a verdade”*».⁴ Mais tarde, meditando o livro da Vida de Teresa de Jesus, ela explica a razão deste impacto e revela a sua sede ardente pela verdade: «*Na literatura universal não existe outro livro, à excepção das Confissões de Santo Agostinho, que tenha, como este, o selo da veracidade. Ele ilumina com grande rigor os recônditos da própria alma e transmite um testemunho inquietante da misericórdia de Deus*».⁵

Teresa de Jesus exerceu uma influência decisiva na conversão de Edith; por isso, desde o princípio, ela reconheceu ser chamada a entregar a sua vida ao Senhor no Carmelo para o bem da humanidade. Uma testemunha do processo de beatificação transmitiu-nos o que a santa lhe havia confessado: «*Porque me foi transmitido pela Serva de Deus, eu soube que ela apreciava o Carmelo por haver ali mais tempo dedicado à meditação pessoal. Desde o baptismo que se inclinava para o Carmelo. Não a convenceu um mosteiro beneditino de clausura por não lhe oferecer o tempo que ela precisava para a meditação*».⁶

² Brief 23.3.1938, em *Edith Stein Werke IX* (Freiburg, 1977).

³ Edith Stein, *Kreuzeswissenschaft. Studie über Joannes a Cruce*, em *Edith Stein Werke I* (Freiburg - Basel - Wien), p. 145.

⁴ Assim é relatado, em forma autobiográfica, a sua primeira autobiografia, por Teresia Renata de Spiritu Sancto Posselt, em *Edith Stein. Lebensbild einer Philosophin und Karmelitin*, (Nürnberg 1948), p. 28.

⁵ *Neue Bücher über die hl. Teresia von Jesus*, em *Edith Stein Werke*, XII, p. 191.

⁶ *Positio*, p. 191.

Conversão como encontro e perda.

5. O seu encontro com a cruz, por meio da força que ela transmite à vida de uma amiga protestante, Anne Reinach, viúva do filósofo Adolf Reinach, foi quem lhe derrubou o último obstáculo da sua incredulidade. Assim o confessará mais tarde: *«Foi este o meu primeiro encontro com a cruz e com a força divina que ela transmite aos que a levam. Vi pela primeira vez a Igreja nascida da Paixão do Salvador na sua vitória sobre o aguilhão da morte. Foi o momento em que a minha descrença se quebrou e resplandeceu Cristo. Cristo no mistério da cruz»*.⁷ Mais tarde, já em Echt, escreveu à sua superiora do mosteiro de Echt: *«Só se pode adquirir a “scientia crucis” (Ciência da Cruz) quando se chega a experimentar profundamente a cruz. Desde o primeiro momento que eu tive a certeza disso; então, disse do fundo do coração: “Ave Crux, spes unica” (Salve cruz, única esperança)»*.⁸

6. Edith Stein converteu-se ao catolicismo em 1922, com a idade de 31 anos. O sentido profundo da sua conversão assenta no facto de ela haver experimentado profundamente o paradoxo evangélico do “perder para ganhar”. Na verdade, a sua conversão ao catolicismo trouxe-lhe problemas familiares. Os membros da sua família não compreendiam o motivo de tal decisão. No seu livro, *A Ciência da Cruz*, ela explica a conexão que existe entre o sofrimento e a glória. A paixão e a morte de Cristo consomem os nossos pecados no fogo. Por isso, na medida em que, pela fé, aceitamos esta verdade e procuramos unir-nos a Jesus, Ele guiar-nos-á, com a sua paixão e cruz, à glória da ressurreição. Edith unirá esta convicção à experiência da contemplação, a qual, passando pela purificação, conduz à união de amor com Deus: *«à luz desta realidade, entende-se também o seu carácter contraditório. É morte e ressurreição. Depois da “noite escura” brilha paradoxalmente a “chama viva de amor”*.⁹ É assim que se chega a possuir a «ciência da cruz».

⁷ Assim é relatado por Teresia Renata Posselt, pondo estas palavras na boca de Edith, na 7ª edição da sua biografia, já citada na nota 3 (Nürnberg 1954, p. 68).

⁸ Carta de Dezembro de 1941, em *Edith Stein Werke*, IX (Druten-Freiburg 1977), p. 167.

⁹ E. Stein, *Kreuzwissenschaft. Studie über Joannes a Cruce* (Louvain-Freiburg 1954), p. 165.

Com certeza que o processo de conversão não foi fácil para Edith. Foram anos de procura até receber o último impulso no seu encontro com a autobiografia de Teresa de Jesus. Como ela, Cristo foi ocupando o lugar central da sua existência. Em Cristo, encontra a Verdade com letra maiúscula e o amigo próximo com o qual sempre podia dialogar. A radicalidade acompanhou a sua conversão. No princípio pensava que lhe seria exigido abandonar tudo o que era terreno para viver exclusivamente centrada nas coisas divinas. Só progressivamente foi compreendendo que «quanto mais profunda é a atracção para Deus, maior é o dever de “sair de si», isto é, sair em direcção ao mundo para nele viver a vida divina».¹⁰

7. O itinerário humano e espiritual de Edith Stein é o itinerário de uma mulher do nosso tempo. Com a sua experiência pessoal de mulher e com a sua reflexão filosófico-antropológica a respeito do ser e da missão da pessoa humana, preocupa-se com o papel da mulher na sociedade e na Igreja. A sua capacidade intelectual, a sua preocupação universitária e profissional e a sua dedicação ao ensino fizeram dela uma mulher que viveu, com uma consciente identidade feminina, os desafios de uma missão. Edith soube enfrentar, com lucidez e equilíbrio, os desafios que as circunstâncias sociais e eclesiais lhe apresentavam naquele momento.

Professora em Espira, de 1923 a 1931, soube enfrentar os problemas da formação da mulher e acompanhou as suas discípulas no aprofundamento do seu carácter específico de mulheres, criadas à imagem de Deus como o homem. Enalteceu a vocação sobrenatural da mulher e a ética das profissões femininas. A base da sua reflexão foi a análise pormenorizada das particularidades da psicologia feminina.

Soube, deste modo, dar testemunho da riqueza de uma vida cristã feminina entregue ao cumprimento de uma missão inserida no mundo. Isto explica a dedicação com que se entregou ao apostolado do ensino, embora, após a sua conversão, não tenha tido o mesmo esforço anterior para conseguir uma cadeira de professora universitária na sua qualidade de mulher. Como professora, soube aliar a competência profissional à relação directa e pessoal com as alunas. Elas irão recordá-la sempre

¹⁰ Brief 12.2.1928, em *Edith Stein Werke* VIII (Druten-Freiburg 1976), p. 54.

como uma mulher aberta e compreensiva, que se adiantou ao seu tempo na valorização da mulher e na entrega generosa à sua promoção em todos os aspectos. Para isso, incorporou-se à *União Católica de Professoras de Baviera* e à de *Jovens Professoras*. Desta maneira, alarga o horizonte da sua influência e multiplica o seu magistério orientador para a mulher do seu e do nosso tempo.

Peculiaridade vocacional da mulher

8. A reflexão filosófico-antropológica de Edith Stein tem como ponto de partida a sua própria experiência iluminada pela Escritura, particularmente as primeiras páginas, onde a obra da criação apresenta o homem e a mulher como imagem de Deus na sua igualdade e na sua diversidade: «*na origem foi encomendada aos dois a função de conservar a semelhança com Deus, de dominar a terra e de multiplicar o género humano*».¹¹

A partir desta análise filosófico-antropológica, não sociológica, Edith acentua duas características específicas da psicologia feminina: a entrega pessoal na colaboração com o homem e a maternidade. A sua vocação de companheira do homem leva-a a participar de tudo o que lhe diz respeito, quer seja grande ou pequeno. Ela acompanha o homem, caminha a seu lado e, com amor, faz parte da sua vida. É por isso que, «*na sua natureza, a mulher tem a capacidade de empatia com o outro e com as suas necessidades, bem como a capacidade e a docilidade de adaptação, mais desenvolvidas*».¹² Tem uma exigência profunda de partilhar a vida com o outro; daí, a capacidade de um amor desinteressado, de uma entrega e esquecimento de si própria. Por outro lado, a sua propensão para a maternidade orienta-a para tudo o que é vivo e pessoal e para um género de conhecimento mais concreto e contemplativo. O seu ser de mãe e companheira faz com que a mulher seja atenta a tudo o que diz respeito à pessoa. Tem a missão de gerar filhos e, como continuadora de Eva, a chamada «mãe de todos os

¹¹ E. Stein, *Bref des Mannes und der Frau nach Natur und Gnadenordnung*, em *Edith Stein Werke*, V (Louvain-Freiburg 1959), p. 28.

¹² E. Stein, *Die Bestimmung der Frau*, em *Edith Stein Werke* XII (Freiburg, 1990), p. 116.

viventes», tem também a missão de educar para a «integração na vida». ¹³ Esta é a razão de ela acentuar tanto o sentido e a grandeza da maternidade espiritual na vida religiosa, a qual realiza totalmente as aspirações femininas por estar de acordo com as suas características próprias de mulher: «*Dar-se a Deus num amor que se esquece de si próprio, não ter em conta a própria vida para criar um espaço para Deus, é o motivo, o princípio e a meta da vida religiosa*». ¹⁴

Uma mensagem para a mulher de hoje

9. A reflexão experiencial e filosófica de Edith Stein sobre o ser e o trabalho da mulher são de enorme actualidade para o mundo e a Igreja do nosso tempo, cada vez mais sensibilizados para a importância da promoção da mulher e para a necessidade de lhe abrir espaços no campo social, económico, político e religioso. O autêntico feminismo encontra na doutrina e escritos de Edith orientações muito úteis para viver e promover a dignidade e a missão da mulher, a partir da sua identidade e missão enraizadas na mais profunda anatomia do seu ser. O mesmo se pode dizer em relação ao sentido da vida consagrada: entendida como um dom de si a Deus e aos demais, é uma realização total das aspirações da mulher, feita de entrega, maternidade e serviço.

Para Edith Stein, a Virgem Maria é o modelo perfeito destes valores femininos. Nela, «*o sexo feminino foi dignificado pelo facto de o Redentor ter nascido de uma mulher: a porta, através da qual Deus entrou na humanidade, foi uma mulher*». ¹⁵ Pela sua doação, com uma confiança silenciosa, entrega-se à missão de colocar todo o seu ser ao serviço do Senhor para edificar o Reino de Deus. ¹⁶ Este compromisso de Maria faz dela o modelo da mulher em todos os campos da vida humana: familiar, social e eclesiástico, pois aparece interessada pelos problemas sociais e políticos, conforme reza a estrofe central do *Magnificat*: “derrubou do trono os poderosos”. Por isso, tanto o homem como a mulher não podem permanecer alheios às

¹³ E. Stein, *Beruf...*, p. 23.

¹⁴ E. Stein, *Das Ethos der Frauenberufe*, em *Edith Stein Werke V* (Louvain-Freiburg 1959), p. 11.

¹⁵ E. Stein, *Beruf...*, p. 29.

¹⁶ Cf. *Ib.*

situações reais ou responder com indiferença aos desafios que elas apresentam.¹⁷

II - Do Judaísmo à incredulidade e à fé Cristã

10. No processo de “perder para ganhar”, que caracteriza a vida de Edith Stein, encontramos a perda da sua fé judaica aos 14 anos para entrar no caminho do ateísmo e chegar, depois dos 17 anos, ao caminho da fé cristã.

As suas raízes e o caminho da sua conversão

Nasceu no seio de uma família estritamente observante do judaísmo. Era a última de onze irmãos. Com apenas dois anos de idade, ficou órfã de pai. A mãe, uma mulher de génio valente e enérgico, encarregou-se da educação dos filhos e da direcção dos negócios que o marido havia deixado. Desde o começo dos seus estudos, Edith demonstrou possuir grande capacidade intelectual. Em 1911 matriculou-se na Faculdade de Estudos Germânicos, de História e de Psicologia, na Universidade de Breslau. Em 1913 muda-se para a Universidade de Göttingen a fim de assistir às aulas do famoso filósofo Edmund Husserl, expoente máximo da fenomenologia. Em 1916, acompanhando-o como assistente, muda-se para Freiburg. No ano seguinte, com a nota máxima, é-lhe outorgado o título de Doutora em Filosofia.

Edith, antes de chegar a Göttingen, já se considerava atea. A sua formação religiosa, baseada sobretudo em práticas, e a abertura à plenitude e à educação escolar, baseada no idealismo pós-kantiano, desembocaram na perda da sua fé judaica. Com efeito, o idealismo filosófico acentuava uma certa impossibilidade para as coisas e os acontecimentos que são objecto da fé. Edith só aceitava o que pudesse ser provado, mesmo que se tratasse da fé dos seus pais. Concentrou, então,

¹⁷ Cf. E. Stein, *Aufgaben der katholischen Akademikerinnen der Schweiz*, em *Edith Stein Werke V* (Louvain-Freiburg 1959), p. 225.

todos os seus esforços na reflexão filosófica até que, através da própria filosofia e, sobretudo, através do testemunho de outras pessoas, encontrou Cristo. Num primeiro momento, o desabamento da sua incredulidade não implicou uma conversão ao cristianismo, e menos ainda a recuperação da fé judaica da sua infância. Foi um processo de amadurecimento lento que deu profundidade ao seu encontro pessoal com Cristo.

A relação com Max Scheler e Edmund Husserl foi decisiva na sua busca do sentido da vida humana e razão de ser do homem. Abriram-na para o espaço de “fenómenos”, perante os quais nunca mais pôde fechar os olhos, como ela refere: «*Não foi em vão que, tirando primeiro todas as vendas dos olhos, nos inculcaram o dever de olhar para as coisas sem preconceitos*». ¹⁸ Através do método fenomenológico foi caminhando, como levada pela mão, em direcção ao mundo dos valores e da fé, passando pela experiência da finitude do ser humano. Isso abriu-a ao Ser eterno.

Identificada com o seu povo

11. A conversão ao cristianismo levou Edith Stein a redescobrir as suas raízes judaicas e a sua pertença ao povo de Israel. Além de renovar e fortalecer os vínculos familiares, também começou a assumir, na sua vida de fé cristã, a convicção de ter sido escolhida para oferecer os seus sofrimentos e a sua vida pelo seu povo.

Não foi um caminho fácil. Teve de aceitar a dor que a notícia da sua conversão ia causar à mãe, tão fortemente identificada com a fé judaica. Temia mesmo vir a ser rejeitada pela sua família. A mãe não deixou de lhe transmitir a estranheza de tal mudança, bem como os irmãos. Contudo, foram obrigados a respeitar uma decisão amadurecida na busca lenta e consciente da verdade. Edith decidiu ficar com a mãe. Para isso, fixou-se em Breslau durante alguns meses. Durante esse tempo, acompanhava a mãe à sinagoga e, no dia da expiação, jejuou com ela. Por outro lado, a mãe ficou impressionada com o modo de rezar da filha.

¹⁸ E. Stein, *Aus dem Leben einer jüdischen Familie*, em *Edith Stein Werke*, VII (Louvain-Freiburg, 1897) pp. 229-230.

O amor pelo seu povo e a consciência da missão que o Senhor lhe dava cresceram ainda mais quando começou a aumentar a perseguição contra os judeus. Edith, pelo facto de pertencer ao povo escolhido, pertencia a Cristo, não só espiritualmente mas também por descendência. Ela convenceu-se que o destino deste povo era também o seu. Fez o que pôde para o ajudar. Chegou até a escrever ao Papa pedindo-lhe um documento sobre o problema do anti-semitismo. Ela, já desde 1933, tinha compreendido que a cruz de Cristo seria colocada sobre os ombros do povo judeu mesmo que este não o compreendesse. Foi então que manifestou ao Senhor o desejo de aceitá-la em nome de todos os que não a entendiam como tal. Estava convencida que a sua missão consistia em acolher no seu coração os sofrimentos do seu povo e oferecê-los a Deus como expiação: *«Tenho a certeza de que o Senhor aceitou a minha vida por todos os judeus. Penso continuamente na rainha Ester, que foi levada do seu povo, precisamente, para se apresentar perante o rei em favor do povo. Eu sou uma pequena Ester, muito pobre e fraca, mas o Rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso»*.¹⁹

Uma ponte para o diálogo judeu-cristão

12. A nossa irmã Edith Stein, com a sua vida e a sua morte, transformou-se numa ponte para o diálogo entre judeus e cristãos. O Concílio Vaticano II, lembrando tão grande património espiritual comum aos cristãos e aos judeus, recomendou-lhes «o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos».²⁰

A cruz de Cristo, «sinal do amor universal de Deus e fonte de toda graça»,²¹ foi a experiência espiritual que marcou a vida cristã e religiosa de Edith Stein. Foi ela que deu sentido à sua vida e, por isso, a incluiu no seu nome religioso: Teresa Benedita da Cruz. João Paulo II, na homilia da sua beatificação, apresentou-a como «uma síntese dramática do nosso século. A síntese de uma história cheia de feridas

¹⁹ Brief 31.10.1938, em *Edith Stein Werke IX* (Freiburg, 1977) p. 121.

²⁰ *Nostra aetate*, 4.

²¹ *Ib.*

profundas que ainda hoje continuam a fazer sofrer, mas que homens e mulheres com sentido de responsabilidade se esforçaram e continuam a esforçar-se por sanar... Abramo-nos à mensagem que ela nos dirige como uma mulher do espírito e da ciência, que na ciência da cruz conheceu o ápice de toda a sabedoria; como uma grande filha do povo judeu e uma grande cristã no meio de milhões de irmãos inocentes martirizados».²²

É, precisamente, este modo de viver e assumir a cruz que faz de Edith Stein uma interlocutora para os judeus. Ela demonstra-lhes que é no amor e na esperança, à luz do mistério da fé na ressurreição de Cristo morto por todos, que o sofrimento adquire sentido.

III - Edith Stein, uma mulher seguidora de Jesus

13. A conversão de Edith Stein está profundamente ligada à experiência da cruz. O seu encontro com Cristo realiza-se na cruz, embora se oriente para todo o seu mistério, até ao ponto de ela poder afirmar: «*Cristo é o ponto central da minha vida*».²³ O seu pensamento cristológico encontra-se expresso nos vários documentos escritos. É importante saber que, por detrás destas reflexões teológicas, existe uma experiência espiritual que lhes dá sentido.

A descoberta da pessoa de Jesus revela uma experiência pessoal que muda completamente o modo de ver as coisas, as pessoas e os acontecimentos. Ele é a Verdade. Esta perspectiva aproximou Edith de Cristo. A partir daqui, ela descobre que Jesus é o Caminho e a Vida, e abandona-se nas suas mãos para o seguir, carregando a cruz da vida quotidiana, num abandono à vontade do Pai.

²² João Paulo II, *Homília*, Colónia, 1 de Maio 1987.

²³ *Brief* 13.XII.1925, em *Edith Stein Werke* XIV (Freiburg, 1991) p. 168.

Seguir Jesus, prosseguindo a sua obra

14. A essência da vida cristã é o seguimento de Jesus. Isto implica renovar a experiência de Jesus na nossa vida de relação com Deus, com os outros e com a realidade do mundo. Implica, portanto, uma atitude de abandono confiado ao Pai, uma comunhão fraterna com os outros e uma capacidade de encontro com Deus e com os irmãos e irmãs para transformar e partilhar a vida. Deste modo, compromete-nos a viver como Jesus viveu e a passar por aquilo que Ele passou: incompreensão, perseguição, morte e ressurreição. Edith Stein viveu todos estes aspectos do seguimento de Jesus e transmitiu-nos através dos seus escritos o que, experiencialmente, aprofundou.

Edith viveu tudo numa atitude de abandono e confiança no Pai. Como Jesus na sua relação com o «Abbá», mesmo no meio da humilhação, do sofrimento e do abandono da cruz, ela experimentou a sua presença e o seu amor, que a sustentavam na escuridão da noite da provação: *«Eu permaneci firme e esta firmeza deu-me paz e confiança. Não é, certamente, a confiança natural do homem que, com a sua própria força, se mantém de pé no chão firme, mas a confiança simples e alegre de uma criança que repousa num braço forte, isto é, uma segurança que, vista objectivamente, não é menos razoável. Na verdade, poder-se-ia admitir que uma criança vivesse permanentemente na angústia de que a mãe a deixasse cair?»*²⁴ Esta certeza do amor de Deus Pai, levou-a também, no abandono e confiança, a imitar Jesus no cumprimento da sua vontade: *«Ser filho de Deus significa: caminhar sempre guiado pela mão de Deus, fazer a sua vontade e não a própria, pôr todas as nossas esperanças e preocupações nas mãos de Deus e confiar-lhe o nosso futuro. Nestas bases descansam a liberdade e a alegria de ser filhos de Deus»*.²⁵

Seguindo Jesus, não pôde deixar de experimentar as exigências da fraternidade: *«Se Deus é amor e vive em cada um de nós, a única coisa que pode acontecer é que nos amemos com amor de irmãos. É*

²⁴ E. Stein, *Endliches und ewiges Sein*, em *Edith Stein Werke II* (Louvain-Freiburg, 1986) p. 57.

²⁵ E. Stein, *Das Weihnachtsgeheimnis*, em *Edith Stein Werke XII* (Freiburg, 1990) p. 202.

*por isso que o nosso amor ao próximo é a medida do nosso amor a Deus».*²⁶

Logo a seguir à sua conversão, pensou abandonar tudo, deixando de lado toda e qualquer outra actividade, para se entregar somente a Deus. No entanto, depois, com a ajuda dos seus directores espirituais, reagiu e compreendeu que o seguimento de Jesus comprometia-a na colaboração com Ele na vinda do Reino. Numa carta escrita em 1928, ela comunica o processo de mudança que a levou a aceitar o compromisso apostólico como uma das exigências evangélicas: *«Durante o tempo que precedeu à minha conversão, e até bastante tempo depois, tinha a convicção de que viver a vida religiosa significava o abandono de tudo o que era terrestre para viver só com o pensamento nas coisas divinas. Pouco a pouco fui compreendendo que neste mundo se nos pede algo diferente e que, mesmo na vida contemplativa, não devemos quebrar a ligação com o mundo. Creio até que, quando mais nos adentramos em Deus, tanto mais devemos sair de nós nesse sentido, isto é, para o mundo a fim de o conduzirmos à vida divina».*²⁷

Acompanhar Cristo no caminho da cruz

15. Uma característica do seguimento de Jesus, fortemente acentuada na experiência cristológica de Edith Stein, foi, sem dúvida, a presença da cruz e do sofrimento como consequência desse seguimento. Desde o princípio que Edith se identificou com *«Cristo pobre, humilhado, crucificado e até, na cruz, abandonado pelo Pai».*²⁸ E não podia ser de outra maneira, pois Cristo ofereceu a sua vida para abrir à humanidade as portas da vida eterna. Por isso, é preciso morrer com Cristo e com Ele ressuscitar: *«morrer com a morte do sofrimento que dura a vida inteira, com a negação quotidiana de si mesmo, e identificar-se com a morte sangrenta do martírio pelo Evangelho».*²⁹

²⁶ E. Stein, *Das Weihnachtsgeheimnis*, p. 201.

²⁷ E. Stein, *Brief* 12.2.1928, em *Edith Stein Werke* VIII (Louvain-Freiburg, 1976) p. 54.

²⁸ E. Stein, *Kreuzeswissenschaft*, em *Edith Stein Werke* I (Louvain-Freiburg, 1983) pp. 106-107.

²⁹ *Id.* p. 12.

Esta vivência quotidiana da cruz levou-a a adquirir, pouco a pouco, a «ciência da cruz» e a escrever a sua última obra teológica com o mesmo título; uma obra que não chegou materialmente a concluir. Terminou-a quando assumiu na prática a cruz do martírio como a verdade viva e eficaz. Este martírio foi preparado por meio das cruces que a vida, pobre e limitada do ser humano, impõe com os seus altos e baixos, a renúncia e a aceitação da doença, a aridez, a monotonia, o vazio existencial, a convivência, a provação e as tentações. *«A cruz é o símbolo de tudo o que, difícil e pesado, se revela tão contrário à natureza que, quando tomamos esta carga sobre nós próprios, temos a sensação de caminharmos em direcção à morte. E esta é a carga que têm de levar todos os dias os discípulos de Cristo»*.³⁰

Edith encontro o sentido da cruz no amor e na expiação unida à de Cristo. Ele morreu na cruz por nosso amor. É por isso que a cruz, escândalo para os judeus e loucura para os gentios (cf. 1 Cor 1,23), se transforma no sinal do amor de Deus pela humanidade. É dela que provém a força para viver o mandamento do amor ao próximo até às últimas consequências.³¹ O que dá valor às nossas cruces e sofrimentos é assumi-los em comunhão com Cristo crucificado, o qual, através da sua paixão e cruz, nos conduz à glória da ressurreição.³²

16. A cruz de Cristo, vivida na solidariedade com todos os que sofrem, é também caminho de participação nos gozos e esperanças, tristezas e angústias da humanidade, com a certeza da vida e da ressurreição. Sofrer com Cristo é entrar em comunhão com todos os que sofrem no caminho árduo e difícil da vida, para lhes aliviar os sofrimentos e transmitir uma esperança firme da vitória definitiva do bem e do amor: *«Cada um dos que ao longo da história se sobrecarregaram com um destino difícil em memória do Redentor sofredor, ou ainda voluntariamente tomaram sobre si a expiação do pecado, ajudaram com isso o Senhor a carregar o seu jugo e diminuíram, em parte, o peso brutal do pecado da humanidade»*.³³

Edith Stein é um modelo de compromisso no seguimento de Jesus, aceitando as cruces da vida: a cruz da nossa limitação humana, a

³⁰ *Id.* p. 11.

³¹ Cf. *Id.* p. 264

³² Cf. *Id.* p. 165.

³³ E. Stein, *Kreuzesliebe*, em *Edith Stein Werke XI* (Freiburg, 1987) p. 122.

cruz da luta contra o sofrimento, a cruz da solidariedade com os que sofrem, a cruz de trabalhar por um mundo de justiça e de paz. Na sua vida, Edith fez a experiência paulina de “perder tudo para ganhar a Cristo”, de considerar tudo como lixo em comparação com Ele e de anunciar a cruz de Cristo como o único caminho de salvação. Porque «a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, e poder de Deus para os que se salvam, isto é, para nós» (1 Cor 1, 18), e porque «tudo isso, que para mim era lucro, reputei-o perda por Cristo. Na verdade, em tudo isso só vejo dano, comparado com o supremo conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e n’Ele ser achado» (Flp 3, 7-8).

IV - Edith Stein, Filha de Santa Teresa de Jesus e de S. João da Cruz

17. A partir do momento da sua conversão a Cristo, Edith Stein pensou na possibilidade de se consagrar a Ele no Carmelo. Por obediência aos seus confessores, retardou a sua entrada no mosteiro teresiano. Eles fizeram-lhe ver a importância apostólica que o seu magistério podia ter. Só onze anos mais tarde é que ela viu com clareza, por meio do discernimento na oração, que tinha chegado o momento esperado de se consagrar a Deus na vida contemplativa do Carmelo. Tinha vivido a convicção profunda de que a sua vida, até nos mínimos pormenores, estava nos planos de Deus e só Ele conhecia o seu perfeito significado;³⁴ agora era-lhe revelada uma parte desses planos através das mediações humanas: «A mudança política foi para mim um sinal de que já podia seguir o caminho que há muito tempo já me pertencia... Entrei no convento das carmelitas, convertendo-me numa filha de Santa Teresa. Foi ela que me levou à conversão».³⁵ No dia 14 de Outubro de 1933 entrava no Carmelo de Colónia, cuja comunidade contava com 21 religiosas.

³⁴ Cf. *Endliches und Ewiges Sein*, pp. 109-110.

³⁵ *Brief 17.10.1933*, em *Edith Stein Werke IX* (Freiburg, 1977) p. 189.

Uma mudança radical de vida: “perder para ganhar”.

18. De repente, a estrutura de vida mudou para Edith, então com 42 anos. Deixava para trás um mundo de actividades académicas e intelectuais, grandes amizades e a sua família para entrar no pequeno espaço de um mosteiro contemplativo, com todas as limitações que lhe são inerentes. Teve de entrar num mundo de ritos, costumes e cerimónias: uma herança do passado que complicava a vida das irmãs. Apesar de haver no Carmelo de Colónia um bom nível cultural, no entanto, o que ela tinha adquirido ao longo dos anos de estudo e magistério era muito superior. Edith teve de fazer um grande esforço para assimilar essa mudança radical de vida: passar de uma organização pessoal a uma organização comunitária marcada pela observância regular; do magistério ao trabalho manual; da experiência de se concentrar no essencial à necessidade de estar atenta às mais pequenas coisas.

Nas suas cartas e escritos, revela o que foi para ela este novo esquema de vida e actividades. Pelo esforço de adaptação, e aceitando perder tantas coisas de valor, ganhou a riqueza de uma vida centrada na oração, na experiência de Deus, no silêncio e na solidão de uma comunidade orante ao serviço do Reino de Deus: *«O nosso horário assegura-nos horas de diálogo em solidão com o Senhor, e é nisso que se fundamenta a nossa vida... O que Deus realiza nas nossas almas durante as horas de oração permanece escondido aos olhos dos homens. É graça sobre graça. E o resto das horas da vida são uma acção de graças por tudo isso»*.³⁶

19. O P. Provincial dos Carmelitas Descalços da Alemanha, Fr. Theodor Rauch, esteve presente na tomada de hábito de Edith, no dia 15 de Abril de 1934. Depois dessa cerimónia, realizou a visita pastoral ao mosteiro e mandou que a irmã Teresa Benedita da Cruz (foi esse o nome que ela escolheu como carmelita) devia continuar o seu trabalho científico, na medida em que os seus deveres de carmelita o permitissem. Foi assim que o Senhor a levou a retomar os seus trabalhos filosóficos e a escrever muitos outros estudos e reflexões, tanto em Colónia como,

³⁶ E. Stein, *Über Geschichte und Geist des Karmel*, em *Edith Stein Werke XI* (Freiburg, 1987), p. 8.

mais tarde, no mosteiro de Echt. Reviu e acabou um livro que seria publicado nesses dias:³⁷ *Akt und Potenz* (Acto e Potência). Terminou também o livro *Endliches und ewiges Sein* (Ser finito e ser eterno). Mais tarde, em Echt, escreverá a sua obra inacabada *Kreuzeswissenschaft* (A ciência da cruz).

Este género de trabalho, que era de algum modo uma excepção, trouxe alguns problemas à comunidade. Ela própria teve de fazer um duplo esforço para permanecer fiel ao fundamental da sua vida contemplativa, inclusive aos pequenos pormenores da organização comunitária. Ela, que poderia ser considerada uma mulher moderna e aberta a horizontes mais amplos do que os de um pequeno grupo de mulheres consagradas vivendo no interior do espaço reduzido de uma clausura, não deixou, no entanto, de ser fiel aos compromissos assumidos, mesmo que isso significasse um grande sacrifício. A esse respeito escreve: «*Para as carmelitas, nas suas condições de vida quotidiana, só existe uma possibilidade de responder ao amor de Deus: cumprir as suas obrigações diárias, inclusive as mais pequenas, com fidelidade; fazer tudo como sendo um pequeno sacrifício que exige de um espírito vital a estruturação dos dias e da vida, inclusive nas coisas mais ínfimas, e isto levado com alegria todos os dias do ano; apresentar ao Senhor, com um sorriso de amor, todas as renúncias que a convivência diária com pessoas totalmente diferentes exige; não deixar perder ocasião alguma de servir os outros com amor. Por fim, é preciso acrescentar a tudo isso o que o Senhor pede a cada alma como sacrifício pessoal*».³⁸ Meses depois de haver professado definitivamente escreve a uma amiga: «*Estou contente por professar em Abril. Mas é bom não ser preciso que tudo esteja preparado, porque tenho a sensação de que o noviciado propriamente dito começou há pouco tempo, uma vez que a adaptação às circunstâncias externas – cerimónias, costumes e coisas parecidas – já não consomem tanta energia*».³⁹

³⁷ *Edith Stein Werke* XVIII (Freiburg, 1988). Este livro foi idealizado como Habilitationsschrift (para conseguir uma cátedra de filosofia).

³⁸ E. Stein, *Über Geschichte und Geist des Karmel*, em *Edith Stein Werke* XI (Freiburg, 1987) p. 8-9.

³⁹ *Brief* 15.12.1934, em *Edith Stein Werke* IX (Freiburg, 1977) p. 26.

Teresa Benedita da Cruz teve de fazer um novo esforço de adaptação à vida comunitária quando, em 31 de Dezembro de 1938, se transfere para o convento de Echt, na Holanda. É uma fundação do Carmelo de Colónia que contava, então, com 14 irmãs coristas e 4 conversas ou de véu branco, como antes se dizia. Também aqui saberá combinar o seu trabalho intelectual – a maior parte dele em benefício da formação das suas irmãs – com os ofícios comuns dum mosteiro de clausura. Em Echt, acabará por oferecer a sua vida pela paz: «*Querida Mãe, permita-me... oferecer-me em holocausto ao Coração de Jesus, a fim de rogar pela verdadeira paz... Sei que não sou nada, mas Jesus assim o quer, e Ele ainda chamará muitos durante estes dias*». ⁴⁰ Sai de Echt no dia 2 de Agosto de 1942 para morrer, sete dias depois, numa câmara de gás em Auschwitz-Birkenau.

Filha e discípula de Teresa de Jesus e de João da Cruz.

20. Edith Stein encontrou em Teresa de Jesus o mesmo amor pela verdade, e com ela aprendeu, sobretudo, o sentido da oração como um diálogo de amizade com Deus, a sua dimensão cristocêntrica e apostólica. Para Edith, as horas de oração eram o ponto central da vida de carmelita. Tudo quanto pode fazer ou construir sai de lá: «*aqui encontra descanso, luz e paz; aqui resolvem-se todas as dúvidas e problemas; aqui a pessoa conhece-se a si própria e aquilo que Deus espera dela; aqui pode fazer os seus pedidos e alcançar os tesouros da graça que, generosamente, pode partilhar com os outros*». ⁴¹

Edith Stein aprofunda a dimensão cristocêntrica da oração teresiana. Sobretudo, apresenta a vida de oração de Jesus como a chave para compreender a oração da Igreja. Ele ensina-nos uma oração de louvor ao Pai e a viver a oração como entrega ao seu amor. Cristo une-nos à sua entrega pela salvação do mundo, fazendo-nos participar da sua cruz. É dessa comunhão com a paixão, morte e ressurreição de Cristo que nasce a força apostólica da oração contemplativa: «*É isto que se*

⁴⁰ *Brief* 31.10.1938, em *Edith Stein Werke* IX, p. 121.

⁴¹ E. Stein, *Eine Meisterin der Erziehungs-und Bildungsarbeit: Teresia von Jesus*, em *Edith Stein Werke* XII (Freiburg, 1990) p. 180.

*propõe fundamentalmente toda a vida religiosa, e principalmente a vida carmelitana: interceder, com o sofrimento voluntário e alegre, a favor dos pecadores e colaborar, assim, na salvação da humanidade».*⁴²

Também a influência de S. João da Cruz é evidente na vida e nalguns escritos de Teresa Benedita da Cruz. A experiência de “noite” que o santo viveu na prisão de Toledo, impressionou-a muito. Desde aí, interpreta as “noites” de S. João da Cruz em clave de abandono: Deus faz experimentar o seu abandono ao ser humano para que este se abandone a Ele na escuridão da fé, como único caminho para chegar à união com o Deus incompreensível.⁴³

Edith Stein utiliza igualmente a imagem da “noite escura” para interpretar a realidade histórica do seu tempo. O que hoje se costuma chamar de pecado estrutural, ela chama-o de «noite de pecado». Deste modo, ela manifesta a escuridão de uma época marcada pela guerra mundial e todos os seus resquícios.

Também aqui é preciso abandonar-se a Deus; deixar que Deus seja um Deus incompreensível e confiar cegamente na sua bondade e misericórdia que nos acompanham no meio da escuridão: «... *quanto mais profundamente se encontre submersa uma época na noite do pecado e no afastamento de Deus, mais necessita de almas que estejam intimamente unidas a Ele. Mas ainda nessas situações, Deus não nos abandona. É da noite mais escura que surgem as grandes figuras dos profetas e dos santos, mesmo quando, na maior parte dos casos, a corrente vivificante da vida mística permanece invisível*».⁴⁴

Com a mão na mão de Deus.

21. Ao iniciar a homilia da beatificação de Edith Stein, em Colónia, em 1987, João Paulo II saudou-a como «*filha do povo de*

⁴² Brief 2. Weihnachtstage 1932, em *Edith Stein Werke VIII* (Louvain-Freiburg, 1976) p. 107.

⁴³ *Kreuzeswissenschaft*, p. 107.

⁴⁴ E. Stein, *Verborgenes Leben und Epiphanie*, em *Edith Stein Werke XI* (Freiburg, 1987) p. 145.

*Israel, rica em sabedoria e fortaleza. Formada na rígida escola da tradição de Israel e caracterizada por uma vida de virtude e de renúncia na vida religiosa, ela demonstrou um ânimo heróico no caminho em direcção ao campo de concentração».*⁴⁵ Estas frases sintetizam a vida apaixonante de uma mulher do nosso tempo, incansável na procura da verdade, que soube evangelicamente “perder para ganhar”: perdeu as suas convicções ateias para ganhar a luz da fé; perdeu a sua família e o seu povo para os reencontrar no seguimento de Jesus, entregando a sua vida também por eles; na sua vida de carmelita contemplativa, guiada pela lógica evangélica do “perder para ganhar”, atingiu a meta desse caminho evangélico centrando-se no único absoluto. E, por fim, no martírio, soube transformar em realidade a advertência de Jesus: «quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por Mim e pelo Evangelho, salvá-la-á» (Mc 8, 35).

Ao longo de todo o seu itinerário atrás das pegadas de Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, viveu num abandono entregue ao Senhor, colocando, como ela dizia, «a sua mão na mão Deus», a fim de se deixar guiar pelo seu amor através dos caminhos difíceis e desconhecidos da sua vida e da história. E viveu tudo isto por meio duma colaboração activa, livre, responsável e iluminada pela ciência da cruz, que leva à comunhão com Ele: «*deste modo, encontram-se indissoluvelmente unidos a mesma perfeição, a união com Deus, a obra para que o próximo alcance a união com Deus e a perfeição. E o caminho para tudo isso é a cruz. E a pregação da cruz seria vã se não fosse a expressão de uma vida unida a Cristo crucificado*».⁴⁶

O homem e a mulher de hoje que, com grande nostalgia de Deus, andam ansiosamente à procura da verdade num mundo de correntes ideológicas e religiosas, podem encontrar uma resposta iluminante na experiência e na doutrina de Teresa Benedita da Cruz. É a resposta de uma mulher do nosso tempo, que caminhou pela “noite” dramática do nosso século, inquieta e sempre sedenta da verdade, até encontrar Cristo. Ao encontrá-lo, encontrou o sentido da vida e a paz há tanto tempo desejada.

⁴⁵ João Paulo II, *Homilia*, Colónia 1 de Maio de 1987.

⁴⁶ *Kreuzeswissenschaft*, pp. 252-253.

«EU VI CRESCER A IGREJA DESDE O MEU POVO»

PROPOSTAS ECLESIOLOGICAS DE EDITH STEIN*

Dedicado às vítimas da violência na ex-Jugoslávia.
Em sua memória, uma admoestação aos executores e carrascos
No 70º aniversário de Johann Baptist Metz

FELIX M. SCHANDL, O.CARM.

1. Introdução

Foram já muitos os autores ¹ que esclareceram o significado de Edith Stein para a Igreja de hoje. Fizeram-no copiosamente no período que precedeu e por ocasião da sua beatificação em Colónia, em 1987, e com alguma reserva no centenário do seu nascimento e no cinquentenário da sua morte, em 1991, e agora, antes da sua canonização.

* Conferência apresentada no Simpósio Internacional sobre *Edith Stein. Testimone per oggi, Profeta per domani*, Teresianum - Roma (7,8,9 de Outubro de 1998). Traduziu o Pe. Jorge dos Santos Vaz.

¹ Cf. no âmbito da língua alemã, antes de tudo, as inúmeras publicações de W. Herbstrith (Teresia a Madre Dei, OCD) e os documentos historicamente precisos de M. A. Neyer, OCD. Tanto quanto sei, o único a ocupar-se sistematicamente, e bem fundamentado, do tema «A Igreja em Edith Stein» foi Atanagora d'A., OCD, *La Chiesa in un membro vivo d'israele, Edith Stein*, em *EphCarm* 17 (1966), pp. 476-551. Merecem a devida atenção os importantes Simpósios de orientação não exclusivamente filosófica: E. Ancilli (ed.), *Edith Stein. Beata Teresa Benedetta della Croce. Vita, dottrina, testi inediti* (Collana della Rivista di vita

Fizeram-no com alguma confusão, devido à incerteza da data. Até que ponto este parecer pode ser partilhado, e com que responsabilidade tenha sido nutrido e impregnado – espiritual e biograficamente – o «significado» que se pretendia expor, com base na autêntica figura de Edith Stein? (Esta norma é usada também nas demais conferências).

Parece-me claro que, em geral, há a tendência para um trabalho sério sobre Edith Stein (o que não quer dizer «seriamente científico»!). Isto diz respeito ao conteúdo filosófico e à situação da sua obra, e do mesmo modo ao seu tema «mulher», à sua biografia, e ainda à descoberta da sua espiritualidade. De qualquer modo, temos em conta a estreita conexão entre vida e obra, tão característica em Edith Stein, para não

spirituale, 19). Roma 1987; I. Elders (Hg.), Edith Stein: Leben, Philosophie, Vollendung. Abhandlungen des internationalen Edith-Stein-Symposiums Rolduc, 2.-4. November 1990. Würzburg 1991; L. Borsig-Hover (Hg.), Ein Leben für die Wahrheit. Zur geistigen Gestalt Edith Steins. Fridingen a.D. 1991, und die Monographien: A. E. Bejas, Vom Seienden als solchem zum Sinn des Seins. Die Transzendentalienlehre bei Edith Stein und Thomas von Aquin (EHS XX, 422). Frankfurt/M - Berlin - Bern - New York - Paris - Wien 1994; S. Duren, Die Frau im Spannungsfeld von Emanzipation und Glaube. Regensburg 1998; H. B. Gerl, Unerbittliches Licht. Edith Stein - Philosophie, Mystik, Leben. Mainz 1991; H. Hecker, Phänomenologie des Christlichen bei Edith Stein (StSStH 12). Würzburg 1995; B. W. Imhof, Edith Steins philosophische Entwicklung. Leben und Werk (=Bd. I). (BasBPhG 10). Basel - Boston 1987; A. Kavungwallappil, Theology of Suffering and Cross in the Life and Works of Blessed Edith Stein (EHS XXIII, 642). Frankfurt/M - Berlin - Bern - New York - Paris - Wien 1998; A.U. Müller, Grundzüge der Religionsphilosophie Edith Steins (Symposion 97). Freiburg - München 1993; E. Otto, Welt - Person - Gott. Eine Untersuchung zur theologischen Grundlage der Mystik bei Edith Stein. Vallendar - Schonstatt 1990; P. Volek, Erkenntnistheorie bei Edith Stein (EHS XX, 564). Frankfurt/M - Berlin - Bern - New York - Paris - Wien 1998. Citamos a Edith Stein no texto com as seguintes abreviaturas e números de páginas:

I-XVII = L Gelber/R Leuven (bis 1987)/M. Linssen (seit 1987) (Hgg.) Edith-Stein-Werke Bd. I - VII Louvain Freiburg 1950-1965, Bd. VII (Vollst. Ausg.) - XI Druten - Freiburg 1976 - 1987, Bd. XIIff. Freiburg - Basel - Wien 1990ff. (demnächst erscheint ein weiterer Briefband XVIII);

B = E. Stein, Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. Eine Untersuchung über den Staat. Tübingen² 1970. /Contém: Psychische Kausalität, in: JPP 5 (1922), 2-116; Individuum und Gemeinschaft, in: Jpp 5 (1922), 116-283; Eine Untersuchung über den Staat, in: JPP 7 (1925), 1-123 = B. 285-407;

CF = E. Stein, Christliches Frauenleben; in: Mädchenbildung auf christlicher Grundlage 28 (1932), 161-174. 192-205 (in ESW V, 45-72 unvollständig ohne S. 196-205 abgedruckt!);

D = Diskussion zum Vortrag von Dr. Edith Stein «Grundlagen der Frauenbildung» am 9. November 1930 bei der Tagung der Bildungskommission des Katholischen Deutschen Frauenbundes. Mskr. im Archiv des Kath. Dt. Frauenbundes, Köln. 11 S.

PE = E. Stein, Zum Problem der Einfühlung. Halle 1917². München 1980.

WK = E. Stein, Wie ich in den Kölner Karmel kam (Como chegar ao Carmelo de Colônia). Com explicações e um suplemento de M.A. Neyer. Würzburg 1994, 8-50. Nas publicações anteriores Edith Stein (Herderbücherei 3, Freiburg 1957, 97-109), a data do texto é 18/12/1938.

cair em interpretações superficiais ou mesmo erradas. Esclareço isto já no princípio, porque em alguns trabalhos feitos no âmbito da «espiritualidade de Edith Stein», e em especial no da sua «eclesialidade», vejo reaparecer em parte certas tendências que se julgavam superadas. Do castigo de semelhante unilateralidade ideológica nos livre, e poderá livrar-nos aquilo que a própria Edith Stein aponta como importante na Igreja, concretamente o que nela se tornou importante.

Naturalmente, da sua doutrina não nos separam apenas alguns decénios e diferente mentalidade. É sobretudo o golpe mais persistente para a teologia cristã e para a vida e autocompreensão da Igreja, isto é, «Auschwitz»! Como conterrâneo do grande e incómodo teólogo João Baptista Metz, alegro-me com a pergunta com que o Padre Geral, P. Camilo Maccise, abre este simpósio: «Como falar de Deus depois de Auschwitz?» E não só. Gostaria de precisar a pergunta: Como falar da Igreja – «depois de Auschwitz»? Com esta pergunta aproximo-me de Edith Stein como de um dos milhões de vítimas da «Shoah» e da sua autêntica visão da Igreja – modelada «antes de Auschwitz» – a da sua Igreja! Recorde-se que ela se refere quase exclusivamente à Igreja católica e que, por isso, não haverá motivo para entraves ecuménicos!

Acrescento mais uma indicação para a formulação das minhas perguntas, motivada pela minha actividade concreta actualmente em Viena: são a pastoral comunitária de orientação carmelitana e a actividade na Cáritas com o centro de assistência a inválidos de guerra e expulsos da ex-Jugoslávia neste período de sensíveis mudanças (subversões?) –, e espero assim ter exposto com suficiente clareza o meu ponto de partida.

2. Chaves hermenêuticas: compreender Edith Stein...

Querer compreender Edith Stein em toda a sua profundidade e em todas as suas intenções significa, como já frisámos, ter presente a inseparável unidade da sua vida e obra e apreciar esta relação mútua.² Assim fazia ela própria na sua «*Scientia Crucis*» para interpretar S. João

² A mesma recomendação urgente em Atanagora D'A, OCD, *op. cit.* (nota 1), 447-450; IMHOF, *op. cit.* (note 1), 22; o bispo K. Hemmerle (†), *Die geistige Grobe Edith Stein*, em L. Elders (ed.), *op. cit.* (nota 1), 275-289, aqui, 275s.

da Cruz (cf. I, 1; 295), e assim o sentia também para consigo mesma: «Os meus trabalhos reflectem sempre e apenas aquilo que me ocupou durante a vida; sou de tal índole que devo reflectir» (XIV, 142). Caso contrário, corre-se o risco de todos os erros de intenções, embora feitos com bons fins, e de mediocridade ou mesmo de «invenção e criação de caricaturas» (V, 30) – e não há nada que Edith Stein tenha considerado como mais inadequado, mais desdenhoso e mais pecaminoso para o homem (cf. VII, 2; IX, 10)! Até o facto de que dentro de três dias será canonizada pela Igreja, não tornará de repente as suas palavras, por exemplo, sobre a Igreja, distintas asserções «dogmáticas». As suas asserções, especialmente as que fez sobre a Igreja, são feitas no conjunto da sua compreensão, de carácter fenomenológico, do fenómeno «Igreja (católica)», como ela a vê, sobretudo na sua primeira fase agnóstica³ (cf. VII, 121). Além disso, não tem intenção de fazer asserções dogmáticas ou análises teológicas, mas entende a Igreja como corporação orgânica do Cristo que continua a viver, e por isso a Igreja é o espaço espiritual e o ponto de partida para toda a praxis de fé e o ponto focal da experiência mística de Deus e da relação com Jesus Cristo. Não lhe é poupada a compreensível dificuldade da linguagem para exprimir verdadeiras experiências místicas, nomeadamente a de ter de ficar completamente sem palavra (cf. II, 58; XV, 74ss., 100ss.). Nas cartas lamenta-se quão «incoloras» (VIII, 160) e «insuficientes» (VIII, 161) são as suas palavras! Por várias vezes nas suas obras, «não consegue sequer chegar... àquilo que queria dizer e agarrar» (VIII, 161; cf. 89). Esta prudência corresponde também à sua pessoa discreta («secretum meum mihi»)⁴.

Eis outro ponto de partida, notável pela sua interpretação, para compreender o modo intelectual de Edith Stein, como também o seu encontro pessoal com os homens: No sentido do conhecimento fenomenológico que adquiriu, quer deveras «apagar-se a si mesma e ver as coisas assim, como aconteceram, e em plena e desinteressada

³ O termo «ateístico» em sentido inesato – embora usado por Edith Stein, eventualmente para falar de si mesma: F.M.Schndl, *Die Begegnung mit Christus. Auf dem Weg zum Karmel*, em: L. Elders (ed.), *o.c.* (nota 1), 55-93, aqui, 64s., com nota 12; M.A. Neyer, *Edith Stein. Aus meinem Leben. Mit einer Weiterführung über die zweite Lebenshalbe*, Freiburg-Basel-Wien 1989, 383.

⁴ Cf. H. Conrad-Martius, *Meine Freundin Edith Stein*, em: *Hochland* 51 (München 1958/59), 38-46; aqui 38.42; ou em: W. Herbstrith (ed.), *Edith Stein. Ein neues Lebensbild in Zeugnissen und Selbstzeugnissen* (Herderbücherei 1935), Freiburg-Basel-Wien 1938, 82-94, aqui, 82, 89); cf. VI, 67.

doação... compreender as próprias coisas» (XIII, 22s.). Nisto se exprime a sua capacidade de tradutora como também de autora de «memoriais»⁵ (VII; XI, 1-25. 165-171; WK). Com a desenvoltura da neocatólica adopta copiosamente a linguagem devocional católica, como se usava no seu tempo, para descrever e interpretar as próprias experiências de fé. Mantém-se muitas vezes estreitamente apoiada a modelos, como, por exemplo, o «*Enchiridion*» dogmático Denzinger-Bannwart, de 1928, para o usar ao compilar a sua «Antropologia teológica», 1932/33 (=XVII). Algumas passagens que não pôde deixar amadurecer e reelaborar intensivamente, causam a impressão de um emaranhado trabalho material. Um exemplo típico é precisamente a parte sobre os sacramentos e sobre a Igreja (XVII, 116ss.)! É sintomático que, por algum tempo, ela troca ideias com o dogmático E. Krebs de Friburgo, no qual as relações entre «*Dogma e vida*» (título da sua obra principal) lhe oferecem um empenho afim (cf. VIII, 62; XVII, 146.151).

«A vingança de quem não compreende nada, é o saber».⁶ Com este «bonmot» da personalidade mais importante de língua alemã neste século, isto é, Karl Rahner, faço agora o meu convite: não a um conhecimento mais completo sobre Edith Stein, mas à compreensão das suas propostas eclesiológicas, as quais, dentro de três dias, certamente que não serão infalíveis, mas, pelo menos, não ficarão mais expostas a suspeitas de heresia. Deixo à vossa consideração julgar o que possa significar o facto de a canonização de Edith Stein se realizar no mesmo dia em que, há trinta e seis anos (11-10-1962), o Papa João XXIII abriu solenemente o Concílio Vaticano II, em São Pedro – um «caso» de coincidência de datas como em qualquer outro caso na vida de Edith Stein!

3. Aproximação fenomenológica à «Igreja»

3.1. *Deus actua para além das fronteiras da Igreja visível*

O caminho de Edith Stein, desde os primeiros contactos com a Igreja até à consciente participação na Igreja, tem um lado exterior e um lado interior. Entendo como lado interior o seu desenvolvimento

⁵ Schandl, *o.c.* (nota 3), 74-78; 84-95.

⁶ Até agora ainda não foi possível verificá-lo.

pessoal e espiritual com as respectivas consequências tiradas por ela das suas experiências de Deus: com frequência, quando se encontra em fase de crise (cf. VII, 207, 246s.), é absolutamente discreta a falar disso. O lado exterior significa os seus contactos – fenomenologicamente repensados – com a «Igreja», sobretudo na prática de fé vivida e sentida. Estes contactos condensam-se progressivamente e com saltos qualitativos: de uma pura constatação «informativa» a encontros «performativos», isto é, actuantes, chegando a passos conscientes, a que se seguem «iniciativas próprias».⁷ Nesta fase, a formação judaica da sua juventude não tem nenhum papel importante, sobretudo porque ela, aos quinze anos, tinha-se «consciente e livremente desabituada» (VII, 121) e afastado da prática religiosa da oração pessoal, como dirá num olhar retrospectivo. Naturalmente, as suas decepções no campo político, profissional e pessoal contribuem para intensificar a sua procura de carácter religioso. A «convencida judia de nacionalidade prussiana» (PE, 133; cf. VII, 161, 309; VIII, 43; IX, 188), no início da Primeira Guerra Mundial, em 1915, dedica-se, «ao grande acontecimento» (VII, 265), não na «vida privada», mas com toda a força e a modo de serviço, no lazareto de Mahrtsch-Weisskirchen (VII, 285-329). Deve constatar com pena, que também o desejado novo período da «República de Weimar» não resolve a sua esperança de ter a possibilidade de alcançar a habilitação para o ensino livre e nem sequer a outras aspirações (cf. VIII, 18, 35; XIV, 110ss. e ainda B). Há ainda mais duas relações pessoais que não se realizam tal como as tinha imaginado possíveis e desejadas.

Sinceramente, a intensificação da questão religiosa em relação à vida não se dá como movimento de fuga, mas dar-se-á mediante vastas discussões e intercâmbios pessoais com poucas amigas e amigos íntimos. De facto, alguns anos mais tarde, Edith Stein recorda com precisão a sua primeira constatação informativa da prática de fé cristã e especialmente da católica: «Entrámos por alguns minutos na catedral. Enquanto parámos em respeitoso silêncio, entrou uma senhora com a sua cesta das compras e ajoelhou-se num banco para fazer uma breve oração. Para mim isso era algo novo. Nas sinagogas e nas igrejas protestantes que tinha visitado, a gente ia lá só para o serviço divino. Mas aqui alguém, deixando as tarefas quotidianas, veio à igreja vazia, como para ir a um

⁷ Elaboradas sistematicamente a partir das primeiras obras e testemunhos autênticos em Schandl, *o.c.* (nota 3), principalmente 66-92.

colóquio confidencial. Nunca mais pude esquecer isto» (VII, 362). Em Francoforte, na igreja de S. Bartolomeu⁸ – no lugar medieval das coroações imperiais, e por isso chamado «catedral» –, Edith experimenta praticamente o contrário daquilo a que está habituada, como mais tarde o encontrará condensado e com fortes consequências em Teresa de Ávila (WK, 20).

No seu ambiente fenomenológico de Gotinga (1913-1917), dois colegas exercem involuntariamente uma influência construtiva sobre Edith Stein e sobre a sua adesão à fé cristã. Max Scheler, no seu período «católico», também a fascina, como mais tarde recorda euforicamente: «Naquele período, ele tinha muitas ideias católicas e sabia divulgá-las, valendo-se da sua inteligência perspicaz e dom de palavra. Foi assim que entrei, pela primeira vez, em contacto com um mundo até então completamente desconhecido para mim. Isso não me conduziu ainda à fé, contudo, descerrou-me um campo de fenómenos diante dos quais eu não podia permanecer cega... Os limites dos preconceitos racionalistas, nos quais tinha crescido sem o saber, caíram, e o mundo da fé apareceu subitamente diante de mim. Faziam parte deste mundo pessoas com as quais me relacionava todos os dias e que eu admirava. Por isso, devia valer a pena reflectir seriamente sobre elas. Por aquela altura, não me dedicava ainda sistematicamente às questões religiosas; estava demasiado ocupada com muitas outras coisas. Contentei-me com acolher os estímulos provenientes do ambiente que frequentava sem lhes opor resistência, e – quase sem me dar conta – foram-me transformando lentamente» (VII, 229s.).

A personalidade e os modos de partilhar a companhia de Adolf Reinach criavam nela contactos mais profundos e até dimensões mistagógicas. Depois de ter contado os pormenores e a atmosfera do primeiro encontro, constata: «Depois daquele primeiro encontro, sentia-me muito contente e muito grata. Parecia-me nunca ter conhecido ninguém que tivesse vindo ao meu encontro com tanta bondade cordial e pura. Parecia-me completamente óbvio que os amigos e parentes mais próximos mostrassem afecto. Mas aqui ocultava-se algo muito diferente. Era como lançar um primeiro olhar para um mundo completamente novo» (VII, 218). Mais tarde, Edith Stein evocará este mundo completamente diferente, no qual existe um «afecto pelo desconhecido» (XII, 201) e

⁸ H. Wolter, Frankfurt/Main (1), *Kirchengeschichte*, em *LTHK*² IV (1960), 257s.

que é, assim surpreendente e invulgar, a característica do cristianismo. Também a afectam os conhecimentos filosófico-religiosos de Reinach, nos quais se compenetra durante o seu serviço militar e mais intensamente ainda depois da morte dele, em 1917 (cf. VIII, 145, 33ss.; XIV, 67; B. 74s.). Porém, embora estivesse distante, o que a impressiona mais e o que trata mais amplamente é o luto cheio de consolação da viúva de Reinach, que foi morto na guerra. Perante a situação extrema de uma trágica morte repentina, experimenta, pela primeira vez, a fé cristã como algo sólido, o que para ela era subjectivamente (e certamente unilateralmente) desconhecido na própria biografia hebraica,⁹ como qualquer coisa que a toca com conseqüências na própria crise (cf. VII, 55ss., 154; XI, 175; XIV, 175).

Como fruto destas primeiras experiências, Edith Stein adquire um importante conhecimento da Igreja em relação com a acção de Deus. Sublinha ela: «Sempre esteve longe de mim o pensamento de que a misericórdia de Deus esteja restringida à Igreja visível. Deus é a verdade. Quem procura a verdade, procura a Deus, mesmo sem o saber» (IX, 102; cf. I, 145, 147s.; VI, 159, 185; XV, 84ss. CF, 205). É significativo para a figura espiritual de Edith Stein e para a sua experiência pessoal, principalmente o facto de ser possível para cada homem, como para ela própria, experimentar a acção de Deus na própria pessoa ainda antes de receber o baptismo e sem pertencer formalmente à Igreja, do mesmo modo que, ao invés, esse facto não pode trazer ou criar automaticamente tais experiências. Independentemente disso, a fé pode ser dada a uma pessoa – como ela –, mas nunca é possível alcançá-la com a própria força – nem sequer heroicamente –, para si mesmo ou para os outros (cf. PE, 131s.: B. 42ss.; I, 159, 164; XI, 145s.; XVIII, 113, nota 2). Pessoas sem fé ou ainda não chegados à fé, podem ser – inconscientemente – «instrumentos» (I, 160; VIII, 55.60, 77,87, 129; IX, 42; XI, 144, 148) da obra de Deus. Podem até «implorar o Deus desconhecido e de quem se duvida» (IX, 186) para conceder o dom da fé. Num caminho assim, importa que se agarre «livremente» a graça divina para lhe reservar um «lugar» na própria vida, na própria «alma» (cf. VI, 151), mas também que se «tenha confiança na imperscrutável misericórdia de Deus»

⁹ Cf. Schandl, *o.c.* (nota 3). 71: Idem. «Ich sah aus meinem Volk die Kirche wachsen». Edith Stein christliches Verhältnis zum Judentum und ihre praktischen Konsequenzen, em: *Teresianum* 43 (1922), 53-107, aqui, 58-60, 79-83.

(VIII, 60; cf. I, 165; VI, 158; IX, 146). Na introdução à sua obra principal, Edith exprime, com simplicidade, mas profundamente, o que se deve fazer a seguir. Na vida espiritual «tinha encontrado o caminho para Cristo e para a Igreja. Era óbvio procurar tirar daí consequências práticas» (II, p. VIII). Noutra passagem, escreve: «No fundo, é sempre uma pequena e simples verdade que tenho a dizer: como se faz para começar a viver (amparados) pela mão do Senhor» (VIII, 87, cf. XCI, 130s.; XII, 206), ou mais claramente ainda: «em união pessoal mais íntima com Cristo» (V, 35). Com estas afirmações antecipa-se, sob vários pontos de vista, à Igreja e à teologia do seu tempo e é capaz de a preservar ainda hoje de falsos rigorismos, bem como de falso activismo.

3.2. A Igreja como mutável e «Reino de Deus» peregrino neste mundo

À mentalidade pedagógica de Edith Stein corresponde outra afirmação acerca da natureza da Igreja que nela é, certamente, «o Reino de Deus neste mundo; mas, precisamente por isso, deve ter em conta as mudanças de todas as coisas terrenas». A Igreja só pode penetrar no ambiente histórico e social «aceitando cada época tal como é, e tratá-la segundo a sua particularidade» (V, 116). Edith Stein já se apercebe da necessidade de um «aggiornamento». «A estabilidade da Igreja baseia-se no facto de unir com a absoluta tutela do eterno uma incomparável flexibilidade em adaptar-se às relativas circunstâncias e exigências do tempo» (V, 107. Antes de mais, deve sobressair «com santo temor diante das almas humanas» (V, 78), consciente de que as «almas humanas são o Reino de Deus» VI, 39ss.). Por isso, em Edith Stein a «peregrinação» depressa é vista como rasgo essencial, mais, como característica antropológica do ser cristão, individualmente, e Igreja conjuntamente, semelhante ao Concílio Vaticano II, que caracteriza a Igreja como povo de Deus «peregrino» (LG 48). Edith Stein realça sempre mais o quotidiano «seguimento da cruz», condicionado pelas situações (ver mais adiante) dos «seguidores de Cristo» (XI, 121; cf. XVII, 86).

4. A Igreja como lugar de união espiritual com Cristo e como corporação do Cristo vivo

4.1. *A Eucaristia e a celebração dos sacramentos e do ano litúrgico*

«Não podemos aderir a Cristo sem ao mesmo tempo O seguir» (VI, 197). «Os que pertencem a Cristo devem percorrer toda a vida de Cristo» (XII, 203). «Viver eucaristicamente significa sair das estreitezas da própria vida e crescer na amplitude da vida de Cristo» (XII, 206) – inclusivamente com as responsabilidades do mundo (cf. VIII, 54 S., 119s.; XI, 18). Por detrás destas «sentenças mnemónicas» de Edith Stein estão as experiências e os comportamentos fundamentais da parte eclesial da sua vida. A fé nunca pode ser «apenas teoria» (I, 3), mas tem que necessariamente – usando um lema actual – unir-se à «ortopraxis» concreta.

Daqui para a frente, limito-me a falar das linhas fundamentais das suas relativas exposições, pois já estão amplamente publicadas e acessíveis. Edith Stein não se cansa de realçar, tanto prática como teoricamente, a participação (se possível diariamente) na Eucaristia, como forma suprema de união espiritual com Cristo, em sentido prático, individual e eclesial-comunitário, para além de um simples «assistir» (cf. V, 14, 89; XII, 123ss., 206, 228s.; CF, 201). «A coisa mais importante é que a Eucaristia esteja no centro da vida» (CF, 204). A participação no «sacrifício da missa» – assim formulado na linguagem teológica do seu tempo – e o «deixar que se tornem eficazes na prática as verdades eucarísticas» (XII, 13), não pretende outra coisa senão a união mistagógica e mística do homem com Jesus Cristo, para que se realize na própria vida, no pensar, sentir e agir. Uma formação meramente externa não atinge o homem na sua profundidade e com eficácia. Requer-se «a formação do homem feita por intermédio do próprio Cristo» (XII, 230), mediante uma relação vital.

Na mesma linha, encontra-se a repetida insistência em seguir o ano litúrgico, em participar nos sacramentos e na oração individual e comunitária.¹⁰ Com esta intenção nasceram algumas conversas e escritos

¹⁰ Sobre o tema «oração» cf. o contributo de J. Castellano.

ocasionais. De maneira mais concertada, em 1931, escreve «O mistério de Natal» (XII, 196-207), em que explana a sua espiritualidade, além de muitas outras passagens (cf. I, 16s., 65; V, 89-91; VI, 185; XI, 10-25; XII, 105-108, 123-125, 228s.; XVII, 151ss.).

4. 2. A Igreja como «organismo», tendo em Cristo a sua Cabeça

Para Edith Stein a Igreja «não é apenas a comunidade dos fiéis, ... mas é precisamente o Corpo Místico de Cristo, isto é, um organismo» (V, 189; cf. XII, 220). Nisto, como já dissemos, ela parte, de facto, da existência de uma «Igreja invisível» (XI, 145) e repetidas vezes estende o corpo místico «em sentido universal» a toda a «humanidade», mais ainda, a «toda a criação», vista na unidade sob a «Cabeça» Jesus Cristo (II, 474, 481s.; V, 216; VI, 163s., IX, 44; XII, 200, 204; XVII, 102). Isto é para ela a condição de uma possível solidariedade e «substituição» humana, para «o interior» e para «o exterior».¹¹ A Igreja, como boa associação burguesa de «bons católicos», não pode nunca bastar-se a si mesma no seu interior (XII, 206; IX, 58), mas existe como estrutura viva, na qual «um torna-se fiador do outro (XII, 204) ... e isto pelo facto de que ao indivíduo, encontrando-se diante de Deus, é dada a força de se encontrar para todos mediante a liberdade divina e humana de um a favor e contra o outro. A Igreja é este um por todos e todos por um» (VI, 163). Para Edith uma tal «substituição» (VI, 163s.)¹² é precisamente a «vocação de uma carmelita» (IX, 9, 19; cf. 121). No seu exterior, significa sofrimento solidário, e até «alegre» – mas de nenhum modo sofrimento masoquista – com Cristo, como compaixão para com gente perseguida e sofredora (VIII, 125; XI, 123; XII, 103s.).

4. 3. As funções na estrutura eclesiástica: «sponsa Christi» e representação sacerdotal de Cristo

Edith Stein descobre, sobretudo para si pessoalmente, na «sponsa Christi» (V, 12, 43, 151ss., 179, 191s.; IX, 129; CF, 199, 202) a vocação

¹¹ Cf. Schandl, *o.c.* (nota 9), 68ss; Idem: «pedir asilo para aqueles que não têm pátria!», Spurensuche nach Edith Stein und ihrer solidarischen Spiritualität angesichts gegenwärtiger Szenarien, em GUL 65 (1922), 329-350, aqui, 340ss.

¹² Cf. juntamente com as interpretações profundas de H.B. Gerl, *o.c.* (nota 1), 25ss, 159ss, acerca da discussão actual sobre o sentido de «substituição»: K.H. Menke, *Stellvertretung* (recolha Horizonte N.F. 29), Einssiedeln-Freiburg 1991; H. Hoping, *Stellvertretung*, em ZKTh 118 (1996), 345-360; B. Grumme, *Von der Destruktivität der Begriffe*, em ThGgw 40 (1997), 134-143; B. Janowski, *Stellvertretung. Alttestamentliche Studien zu einem theologischen Grundbegriff* (SBS 165), Stuttgart, 1997.

eclesiástica mais alta da mulher. Esta, segundo Edith, encontra-se noutra categoria diferente da do serviço sacerdotal masculino, cristologicamente e historicamente determinado, o da representação oficial e sacramental de Cristo na Igreja católica. Ela parte da função histórico-salvífica de Maria, e pretende considerar seriamente e responder à característica e ao «valor próprio» da mulher. No horizonte da vocação religiosa e da «virgindade» (que nela só tem a conotação feminina), no sentido de uma independência interior, sem medos de relações e com forte e «invencível caridade para com os pecadores» (V, 40, 59, 150ss.; XI, 136ss., 140s., 149; CF. 202s.), Edith desenvolve este tema até ao «ser desposada com o Senhor no sinal da cruz», como disse em relação à incipiente perseguição dos judeus (XI, 124) –, por si própria e, infelizmente, não inteiramente compreendido por toda a Igreja e pela Ordem (XIV, 238, 240).

As exposições objectivas e diferenciadas de Edith Stein acerca da questão do diaconado e do sacerdócio feminino (V, 42s., 105ss.) demonstram o seu apreço pelo papel da mulher na estrutura da Igreja. Mas não servem para confirmar, nesta importante questão, se será plausível para a Igreja católica romana, a proibição magistral e mesmo dogmaticamente fundamentada para discutir. De facto, ela própria consolida a específica vocação da mulher a ser «sponsa Christi», não com argumentos tomados da tradição ou do direito eclesiástico, mas «pelo meu sentimento ... facto misterioso» (V, 43), que neste organismo as «funções distribuídas» consideram os apóstolos como os «representantes oficiais» masculinos de Cristo «na terra» (V, 43) e as mulheres «entre os seus discípulos e confidentes próximos» (V, 452), incluindo a «sua Mãe, a Rainha dos Apóstolos» (V, 42). Este «facto misterioso» considera-se novo no âmbito das ideias mudadas e alargadas acerca das condições antropológicas e dos organismos oficiais da Igreja primitiva e, certamente, não pode ser tratado de ânimo leve e no sentido de uma «abertura» emancipadora de mulheres a uma «vocação masculina». Pelo contrário, convém sondá-lo em ordem à estrutura eclesiástica que, provavelmente, pela acção do Espírito Santo mudou, alargou e até combinou e modelou as imagens vocacionais e das funções. Já Edith Stein compreendera claramente:

1. A evolução do direito eclesiástico acerca da actual situação da mulher significa «um retrocesso em confronto com os primeiros tempos da Igreja, em que as mulheres tinham funções oficiais como diaconisas consagradas» (V, 106).

2. Uma tal evolução negativa «oferece a possibilidade de uma evolução em sentido oposto» (V, 106), da qual se vêem os indícios. Mas, pessoalmente, ela não pensa, pelos motivos mencionados, que se chegue «a uma evolução tal que torne possível o sacerdócio feminino» (V, 106; cf. CF, 203). Com efeito, ela parte da concessão directa e exclusiva, e não condicionada pelo tempo do sacerdócio aos apóstolos, feita por Jesus Cristo de uma maneira imediata (cf. V, 108). Além disso, na base está a sua ideia de uma «divisão das funções» na vida religiosa: feminina, como «sponsa Christi» e masculina, como «alter Christus» (sacerdote ou irmão leigo; cf. CF, 198s., 202s.). Noutra passagem fala, porém, do «alter Christus, no qual, derrubadas as barreiras, estão unidos os valores positivos da natureza masculina e feminina» (V, 83).

3. Edith Stein constata: Mesmo dentro da Igreja, os estatutos jurídicos são «normalmente as determinações jurídicas na sequência de formas de vida que já estão praticamente introduzidas» (V, 106). Não é a imutabilidade o que prevalece, mas antes «a evolução ... muitas vezes em forma de luta... em combates espirituais, durante decénios e séculos» (V, 116). Enfim – e aqui vejo um dos impulsos eclesiológicos mais importantes de Edith Stein –, ela coloca-se explicitamente por detrás de tentativas e pensamentos que «procuram colocar a natureza feminina em particular relação com o Espírito Santo» (CF, 200). As suas relativas explicações encontram – inconscientemente? – as conotações femininas do termo hebraico «ruach», tal como o recordam as recentes interpretações da imagem da tardia Idade Média da Trindade de Urschalling, na Alemanha meridional, uma imagem que nos últimos tempos é abordada com mais atenção pela teologia e pela pedagogia religiosa.¹³

4. 4. *A humanidade judaica de Jesus e as raízes hebraicas da Igreja*

A própria origem hebraica da cristã Edith Stein torna-a sensível no seu caminho de fé para encontrar o Judeu Jesus Cristo e a origem da Igreja, nascida do povo hebraico. Recorda estas origens nos seus memoriais escritos contra o crescente nacional-socialismo com as suas

¹³ Cf. J. Sudbrack, *Der gottliche Abgrund. Bilder vom dreifaltigen Leben Gottes*, Würzburg 1991, 21-24; W. Brugger / L. Bahnmüller, *Urschalling*, Freilassing 1996. (Gosto de visitar esta igreja por causa de tal representação).

congêneres xenófobas e medidas anti-semíticas sempre em aumento, mas também contra qualquer anti-semitismo irreflexo e explícito no próprio ambiente eclesial. Vê o mistério natalício do nascimento e da encarnação de Jesus intimamente unido com a «Igreja dos judeus e dos pagãos» (XI, 146). Em «*A oração da Igreja*», o seu último «Memorandum», publicado em 1937 (!) enquanto era viva (= XI, 10-25), recorda, sem ambiguidade – e arriscadamente –, como aquela «imagem de Cristo em oração que continua a viver» [entre nós] tem o seu «protótipo ... na oração de Cristo durante a sua vida terrena». «Pelos relatos evangélicos sabemos que ... (Ele) rezava com a fé de um judeu fiel à lei» (XI, 10). Além disso, ela fala publicamente, e também no interior do mosteiro, das relações tradicionais com o profeta Elias, considerando-o «Guia e Pai dos carmelitas» (XI, 1; I, 13); naquela época – 1935 (!) – estes títulos, exclusivos do Chefe de Estado ('Führer'), eram lidos com chocante actualidade e evidente intenção! E indica também outras figuras bíblicas «não arianas», como Abraão (IX, 162s.), Moisés (XI, 144) e Ester (XI, 165-171), na boca da qual põe, em 1941, na clássica «cena dos diálogos», a sua profunda constatação: «Vi crescer a Igreja desde o meu povo» (XI, 170).

5. Actividade profética na Igreja e como Igreja no mundo

5.1. *A «Scientia Crucis» como «Mística dos olhos abertos», com consequências práticas: constatação da difícil situação dos outros e «seguimento da cruz»*

Seguindo minuciosamente os «testemunhos» (Vida e obra) de S. João da Cruz, Edith Stein esboça sobriamente, mas dum modo impressionante, uma «teologia da cruz» (I, 3) absolutamente prática, e une-a às tentativas de interpretação (I, 1) fruto das suas longas fadigas. Por causa da sua deportação, o ensaio permanece incompleto e fica, juntamente com o seu trabalho sobre a teologia simbólica do Areopagita (= XV, 65ss.), o seu testamento espiritual mais importante. Trata-se aqui, nada mais nada menos, que da percepção de homens sofredores que, no contexto de Stein, são especialmente os judeus actualmente perseguidos, expulsos e assassinados. Esta percepção está longe de ser insípida e passiva. É

verdadeiramente profética e mística, de acordo com a tantas vezes falsificada e esquecida característica fundamental da tradição judeo-cristã, neste sentido recentemente reelaborada por J. B. Metz.¹⁴ A percepção avança sobre o cume estreito, mas o único a percorrer, de pura resistência, por um lado, e de resignação incerta de uma «mística de paixão», por outro. Neste sentido, Edith Stein repete muitas vezes a palavra do «alegre» entregar-se a levar a cruz (XI, 123). Depois da assim chamada «Tomada de poder» de 1933 – a qual lhe acarreta a proibição de continuar a sua profissão –, logo se dá conta de estar unida com o judaico «povo de Deus» por uma inseparável comunhão de destino (cf. WK, 12). Como «passo exterior», em resposta às suas «naturezas» (WK, 12), pede a intervenção papal para chegar à posição da Igreja contra a perseguição dos judeus – porém sem sucesso efectivo.¹⁵ Encontra, contudo, na oração a «verdadeira» consequência, totalmente pessoal, como afirma: o conhecimento fundamental da identidade dos clamorosos sofrimentos da perseguição dos judeus com o sofrimento e com a cruz de Cristo, ressaltando, porém, o seguinte: «A maioria dos judeus não o compreenderia; mas aqueles que o compreendem deveriam estar disponíveis a aceitá-lo. Queria fazê-lo eu... Mas não sabia ainda em que teria consistido levar a cruz» (WK, 14; cf. IX, 124). Isto converte-se para ela em certeza depois da proibição de continuar o trabalho profissional. «Agora, finalmente, chegou o momento... de entrar no Carmelo» (WK, 20). É preciso salientar esta tão premente motivação para abraçar a vida religiosa como carmelita, e considerá-la como importante legado à Igreja «depois de Auschwitz». O sofrimento de homens cruelmente perseguidos corresponde directamente ao sofrimento de Cristo e exige uma reacção profético-mística levada a cabo pessoalmente. O seu método filosófico de conhecimento, isto é, o de ser «olhos bem arregalados» (XIII, 22; cf. WK, 18), cumpre-se na mística «*Scientia*

¹⁴ Cf. J.B.Metz / T.R.Peters, *Gottespassion*, Freiburg-Basel-Wien 1991, aqui, p. 37.

¹⁵ Pio XI deu ordens para esboçar uma encíclica sobre a questão dos hebreus, mas tentou-se transportar o conteúdo de algumas afirmações anti-semíticas duvidosas. A morte de Pio XI, em 1939, impediu a publicação (que teria agravado as relações com o hebraísmo). Em 1938 Edith Stein não valorizou nem a encíclica «*Mit brennender Sorge*» (1937), nem a Concordata do Reich (1934) revelando reacções conformes às suas intenções: cf. WK, 14; J.H.Nota, *Edith Stein und der Entwurf einer Enzyklika gegen Rassismus und Antisemitismus*, em: IKZ 5 (1976), 154-166, 479, ou em: W. Herbstrith (ed.), *Edith Stein; eine große Glaubenszeugin*, Anoweiler, s.a. (1986); G. Passelecq / B. Suchecky, *Die unterschlagene Enzyklika. Der Vatikan und die Judenverfolgung*, München-Wien, 1997, 27.

Crucis» de ser «olhos nos olhos com Deus» (VIII, 100) e na prática do «seguimento da cruz» (cf. I, 6.243ss.; XI, 121ss.).

5. 2. «Representação» e «expição»

As provocações em relação à sua situação específica encaminham a eclesiologia orgânica de Edith Stein para a figura bíblica de Ester, vista como figura de identificação da sua existência pessoal e da sua vida de carmelita diante de Deus (cf. IX, 121), e também como figura de alerta para a sua priorisa e também da Ordem carmelita (XI, 165ss.). Como mensagem bem clara para as suas coirmãs, na festa onomástica da priorisa (13-06-1941), põe em cena a própria missão de Maria, «Rainha do Carmelo» (XI, 171). A principal intenção da oração deve ser o povo de Israel sofredor e expulso, e deve sê-lo também na consciência e nas actividades das coirmãs da Ordem e nas da Igreja (cf. o seu assim chamado «testamento» X, 148s.). Cresce em Edith Stein o desejo de que Israel encontre «o Senhor». Quer oferecer-se a si mesma em «expição» pela «incredulidade do povo de Deus», que lhe parece haver ((X, 148; cf. IX, 13). Fala como uma judia ferida, desde um ponto de vista que se aproxima também muito da sua interpretação da própria biografia judaica. Contudo, não a empurra para acções missionárias ou para teorias de rejeição. É um comportamento de «profunda tristeza»: ¹⁶ um sentir redobrada dor pela actual perseguição e, subjectivamente, pelo facto do múltiplo «estar sem pátria» do seu povo. Depois de Edith Stein, «depois de Auschwitz», e sobretudo por parte de quem não tomou parte nisso, um tal modo de falar deveria ser tratado na Igreja e pela Igreja com máxima prudência, e o melhor seria evitá-lo! Contudo, o conteúdo, a reacção actual, místico-profética, com as consequências pessoais, uma tal reacção à experiência do sofrimento feita por homens, permanece sempre uma provocação à Igreja (às Igrejas) de Cristo e aos seus membros. Porém, Edith Stein, com a sua aguda provocação, concentra-se e limita-se a um âmbito vital restrito, sem querer «meter-se em negócios... com Deus» (VI, 167), e sem perder de vista as «grandes conexões» (II, 404). Mas, mesmo com o conteúdo de «representação», consegue preservar a Igreja e também a teologia das comunidades paroquiais de hoje e a praxis de «complexos de

¹⁶ Atanagora d'A, *o.c.*, (nota 1), 475.

Deus» (Gotteskomplexe) (H. E. Richter), de tendências para actividades provocantes e cegueiras administrativas de qualquer espécie e assim também a lentidão de uma Igreja popular ou do carácter demoníaco do grande número de gente que participa em manifestações eclesiais.

5. 3. *Elias: «Guia e pai» dos carmelitas, profeta venerado por judeus, muçulmanos e cristãos, padroeiro da Bósnia-Herzegovina*

Coloco aqui a pergunta: O que significa actualmente para a Igreja e para a Ordem carmelita que Edith Stein apresente Elias como aquele que «vem recolher os seus» (XI, 170), e que ela (já ou ainda em 1935), em plena Alemanha do nacional-socialismo, podia apresentar publicamente o significado «ecuménico» de Elias, e precisamente por esta ordem: «Na veneração do grande profeta porfiam judeus, muçulmanos e cristãos de todas as confissões» (XI,4)? E por fim, o que quer dizer o facto de Elias ser considerado actualmente – provavelmente por este significado – como padroeiro da Bósnia-Herzegovina?¹⁷ Que consequências podemos tirar para a gente em Israel e na Palestina? Que consequências no que diz respeito à gente que pertence às «amadas populações da Bósnia e Herzegovina», como mais de uma vez lhes chamou o Papa João Paulo II, e ainda em relação à gente do Kosovo e de outras «regiões em crise»?

5. 4. *Trabalho formador em totalidade*

Permanece absolutamente válido o impulso que Edith Stein deu para a formação religiosa de crianças, jovens e adultos, isto é, de ter olhado para o homem total, quer «por parte do formador» quer «por parte do formando». Antes de qualquer método e de qualquer tentativa metodológica, e em vez da ilusão de dever levar à fé e outras metas educativas, requer-se o modelo pessoal e, sobretudo, é preciso reservar o espaço livre para a actividade de Deus à volta e na personalidade individual. Isto poupa impulsos fundamentalistas e permite à religião assumir em sentido pleno o lugar que lhe toca como «raiz e fundamento de toda a vida» (VIII, 54; cf. V, 83; XII, 98ss.), sem cair na actual «religiosa mas simpática indiferença a respeito de Deus» (J. B. Metz).

¹⁷ Na Revista: *Vision 2000*, Wien, nº 5/1994, 15. Ainda não foi possível verificá-lo noutra lugar.

5. 5. *O que pode significar o «martírio»*

As discussões sobre o significado e a afirmação baseada com que se fala do extermínio de Edith Stein como de um «martírio», foram provavelmente esclarecidas no âmbito da sua beatificação, em 1987.¹⁸ Não como católica, mas como pertencente ao povo judeu, Edith Stein participou no destino de milhões de vítimas da loucura racista do nacional-socialismo. De acordo com tudo aquilo que nos permitem conhecer os últimos testemunhos – a maioria dos quais provenientes de judeus –, era a sua fé que tornava possível – não exclusivamente – «confessar praticamente Deus» como aquela Realidade que, perante ameaças individuais ou de outrem, não torna «destruído na morte» quem por ela é atingido, afirmação que «parte sempre da afirmação da salvação daquilo que pertence ao passado, ao destruído, isto é, da morte da morte» (H. Peukert). Sem dramatismos: Edith Stein podia praticamente – embora não exclusivamente – confessar a sua fé em Deus como Criador da única estirpe humana, contra toda a loucura racista e toda a guerra, contra «purificações étnicas» de qualquer espécie, uma fé enraizada na que tem em Jesus Cristo e na força da sua cruz, uma fé vivida em máxima solidariedade até ao extermínio. Já por ocasião da sua beatificação, em 1987, o Papa João Paulo II recordava, com sentidas e penetrantes palavras, o «testemunho da vida e morte de Edith Stein, eminente filha de Israel e filha do Carmelo, ... um testemunho que na sua rica vida une uma síntese dramática do nosso século. A síntese de uma história marcada por feridas profundas que ainda são dolorosas, mas que homens e mulheres responsáveis se empenham em curar, com renovado ardor, até aos nossos dias. E é também a síntese da verdade plena sobre o homem com um coração que fica tanto tempo inquieto e insatisfeito, «enquanto não repousar em Deus».¹⁹

6. Edith Stein e o terceiro milénio da Igreja

No final deste século e milénio, as Igrejas sofrem algumas crises, sobretudo na Europa. Para concluir, permitam-me que acrescente algumas escassas, mas úteis, propostas de Edith Stein:

¹⁸ Cf. Schandl, *o.c.* (nota 5), 105ss. Só agora recordo a interpretação de Edith Stein sobre o martírio dos «Inocentes» (XI, 148ss), que lança uma luz significativa sobre a sua morte.

¹⁹ Cf. *L'Osservatore Romano*, Ed. semanal em língua alemã 17, nº 19 (08-08-1987), 11s. aqui 12.

Distingamos também nós nas «próprias fileiras» a questão existencial e a crise de Deus, como acontece com muitas pessoas, das crises da Igreja, que se dão por nossa culpa nas nossas casas! Procuremos, na medida do possível, não pôr obstáculos a Deus no seu agir nas pessoas e na Igreja, lamentando-nos do passado irreversível; procuremos experimentá-l'O (de novo) na própria vida e na luta quotidiana! Não menosprezemos demasiado o insuperável amor de muita gente pela Igreja, quando se exprime actualmente no «sofrimento pela Igreja», no «desejar» e na crítica preocupante! Não esqueçamos que a «repugnância pelas instituições da Igreja e as dúvidas da fé» podem emergir também no âmbito de um processo místico, e procuremos fundamentar tais questões na profundidade da fé que nos foi dada. A crise financeira da Europa ocidental e da Igreja contribui, certamente, para proporcionar alguma «vida superabundante e de comodidade burguesa» da Igreja ao «espírito da santa pobreza» e ao «Crucificado pobre» (XI, 130; cf. I, 95), e isto também no pensamento e nas exigências espirituais e práticas. Um processo doloroso, mas, em última análise, também corajoso e são e eclesiasticamente dinâmico, no termo de uma religiosidade ocidental prevalentemente burguesa. Para estas e outras evoluções que o «Senhor» pretende naturalmente realizar na «sua» Igreja, estamos mais preparados, quanto menos em primeiro plano estejamos apenas «apoiados nos dogmas... com confiança na autoridade humana», e quanto mais estejamos «ancorados na fé viva, que não pode ficar sem consequências» (VI, 194s.).

Agradeço-vos pela vossa paciência, e espero de verdade e com muita alegria, ter conseguido dar-vos uma chave autêntica para conhecer Edith Stein e as suas intenções. E oxalá tenha estimulado o vosso desejo de saber dela algo mais do que aquilo que nesta exposição de quarenta e cinco minutos foi possível dizer.

ORAÇÃO À VIRGEM MÃE DO CARMELO

Oh Virgem Mãe! No alto do Carmelo
em forma de nuvem apareceste,
para anunciar a tão esperada torrente de graça,
Pureza sem mancha!

A este monte santo me conduziu hoje
o venerável Santo Padre dos carmelitas,
para assim me apresentar diante de Ti como um
irmão mais novo,
Mãe cheia de bondade.

E: «Eis aí», diz ele, «o teu filho, ó mãe».
Aceita amorosamente os seus votos.
Ser todo teu, é, do seu coração puro,
desejo ardente.

E: «Eis aí a tua mãe», diz-me a mim,
e dirige o olhar do meu coração para o céu.
Na minha alma, calorosamente, acende-se, de amor,
um fogo que consome.

Guía-me para o alto, para a fonte do amor
que Te criou, o espelho do amor eterno,
o sem mancha, intacto, puro.
Ele, o Trino e Uno.

Edith Stein

EDITH STEIN

E S. JOÃO DA CRUZ

STEVEN PAYNE, OCD

Sinto-me honrado e agradeço ao P. Jean Sleiman e aos demais organizadores por me terem convidado a participar neste Simpósio, em que se encontram tantos distintos relatores.* Como alguns de vós saberão, venho substituir o P. Ross Collings, OCD, tragicamente falecido num acidente de viação no Verão, no dia 30 de Junho de 1998. Era Vigário provincial da Austrália, um eminente professor e especialista, membro da nossa Comissão Carmelitana Internacional de Teologia e um amigo pessoal. Esperava, em princípio, assistir ao Simpósio para ouvir a sua conferência. Assim como duas lentes de um telescópio nos permitem ver as luzes invisíveis a olho nu, assim eu esperava, confiando nas novas e válidas intuições do nosso australiano doutor de Oxford, enquanto observava «A Menina Doutora Stein» perscrutando ela própria o Doutor místico São João da Cruz. Em Julho, perguntei aos nossos frades australianos se o P. Ross teria deixado algumas notas preliminares das quais se poderia reelaborar o seu contributo... Gostaria de dedicar este meu modesto trabalho à sua memória.

* Conferência apresentada no Simpósio Internacional sobre *Edith Stein. Testimoni per oggi. Profeta per domani*, Teresianum - Roma (7,8,9 de Outubro de 1998). Foi tradutor o Pe. Jorge dos Santos Vaz.

O tema que me foi atribuído – «Edith Stein e João da Cruz» – é, certamente, importante para o estudo de Stein. João da Cruz aparece muitas vezes nos seus últimos escritos. Tinha recorrido a ele pela sua sólida direcção espiritual, durante os seus anos no Carmelo. Como todos sabem, a última e a mais famosa obra de Edith Stein, *a Ciência da Cruz* (*Kreuzwissenschaft*) é, por si mesma, um retorno à vida e à doutrina de João da Cruz. Confesso que, com apenas algumas semanas para preparar esta intervenção, não fui capaz de aprofundar como o tema o exige, a ligação entre estas duas figuras do Carmelo. Felizmente, alguns estudiosos, entre os quais alguns relatores deste Simpósio, já fizeram pesquisas importantes. Foi-me particularmente útil o livro recente de Francisco Javier Sancho Fermín: «*Edith Stein: modelo y maestra de espiritualidad*» (Burgos: Editorial Monte Carmelo, 1998) e alguns outros artigos publicados por ele na revista *Teresianum*.

Primeiro encontro de Edith Stein com João da Cruz

Como alguns comentadores observaram, parece haver uma ligação misteriosa e providencial entre Edith Stein (1891-1942) e João da Cruz (1542-1591), colaborador de Teresa de Jesus na Reforma do Carmelo em que entrou Edith Stein. As suas datas reflectem-se duma maneira curiosa: Edith nasceu durante o terceiro centenário da morte de João da Cruz e morreu durante o quarto centenário do seu nascimento. E, embora ela não estivesse talvez a par das especulações acerca da possível descendência «conversa» de João da Cruz, os seus comentários sugerem muitas vezes um sentimento de parentela, talvez até de identificação, com ele. Nas secções biográficas de S. João da Cruz, por exemplo, ela realça a perda do pai de João, o seu trabalho de enfermeiro e o seu cuidado dos doentes, a sua forte ligação à família, em especial à sua mãe Catarina. Alguns dos seus comentários acerca da experiência de João da Cruz na prisão conventual de Toledo são admiravelmente proféticos em relação aos seus últimos dias: «ser entregue, indefeso, nas mãos de acervos inimigos, torturado no corpo e na alma, privado de qualquer consolação humana e até daquelas fontes de energia vital que são os sacramentos da Igreja: poderia haver uma escola da Cruz mais dura do que esta?».

Não se sabe ainda ao certo quando é que Edith Stein contactou pela primeira vez com o Doutor Místico. Tendo em conta as suas proezas linguísticas e a vastidão das suas leituras, talvez tivesse conhecido o seu nome ainda antes da sua conversão. Durante os seus estudos universitários, terá podido dar uma olhadela através de, por exemplo, Henri Delacroix, *Études d'histoire et de psychologie du mysticisme* (Paris, 1908) que era bastante conhecido e continha algumas páginas de João da Cruz. Ou talvez tenha lido alguma coisa mediante William James, *Varieties of Religious Experience* (New York, 1902), ou Rudolf Otto, *Il Sacro* (Breslau 1917), que mencionam ambos João da Cruz. Sobre isto, apenas podemos fazer especulações. Contudo, sabemos que o seu interesse pela religião evolui apenas gradualmente, e ela não mencionou um conhecimento do Doutor Místico anterior à sua conversão. Podemos, portanto, concluir com certeza que se encontrou referências sobre São João da Cruz nas suas primeiras leituras ou pesquisas, isso não parece tê-la impressionado de maneira significativa.

O interesse de Edith por João da Cruz ter-se-á, contudo, acelerado pela sua conversão, após ter lido a autobiografia de Teresa de Ávila. Assim como ela situa o desejo de entrar no Carmelo a partir daquele momento, terá certamente querido saber mais acerca de João da Cruz, que era uma figura de fundador muito importante e um director espiritual da fraternidade que queria abraçar.

O seu interesse, semelhante ao de muitos estudiosos católicos, terá sido estimulado mais tarde, pela proclamação de João da Cruz como Doutor da Igreja, por Pio XI. Como Sancho Fermín demonstrou, esta proclamação, em 1926, e o segundo centenário da canonização de João da Cruz, em 1927, promoveram uma nova época de estudos são-joaninos (apenas para dar um exemplo, o seu amigo jesuíta, Eriche Przywara elaborou dois livros sobre a poesia de São João da Cruz).

Assim, os anos posteriores à conversão de Edith Stein coincidem, no mundo alemão, com um período de renovado interesse universitário e popular pela mística em geral, e pela de João da Cruz em particular. Edith Stein fazia parte deste ambiente. Já numa carta de 20 de Novembro de 1927, escrita desde o Colégio de Santa Madalena em Espira, ela aconselha R. Ingarden a colher e consultar «o testemunho de homens religiosos», entre os quais inclui «os místicos espanhóis Teresa e João da Cruz» como «os mais sugestivos». Sancho oferece uma lista exaustiva

de artigos e livros publicados em alemão sobre o Doutor Místico durante estes decénios, e afirma que Stein estava muito a par dos estudos são-joaninos na Alemanha. Podemos acrescentar que, dada a sua facilidade para as línguas, sem dúvida que não se restringia apenas ao alemão. A única restrição podia ser a disponibilidade do material são-joanino, especialmente depois da sua entrada no Carmelo e durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Sabemos pelas suas cartas deste período que muitas vezes teve dificuldade em obter o material de pesquisa de que precisava.

João da Cruz e a Irmã Teresa Benedita da Cruz, OCD

Todavia, é no Carmelo que Edith Stein chegou a conhecer mais profundamente João da Cruz. Ao fim e ao cabo, partilhavam o mesmo apelido religioso. Para ela este nome não era uma simples coincidência, mas um sinal do seu destino, porque «o significado mais profundo» do apelido religioso, escreve ela, «porém, é que nós temos a vocação para viver determinados mistérios». Torna-se-nos familiar a sua famosa observação na carta à Madre Petra Brüning, OSU, em 1938: «Tenho a dizer-lhe que o meu (nome) de religiosa já o tenho desde postulante: foi-me dado tal como o pedira. Sob a cruz entendi o destino do povo de Deus, que desde então começava a prenciar-se. Pensei que aqueles que compreendem que tudo isto é a cruz de Cristo deveriam tomá-la sobre si em nome de todos os outros. Hoje sei um pouco mais do que então o que quer dizer ser esposa do Senhor no sinal da cruz, embora isso nunca se venha a entender plenamente, porque é um mistério».

Assim, portanto, desde o início da sua vida religiosa, a Ir. Teresa Benedita da Cruz acreditou que partilhava uma vocação especial com João da Cruz, a de viver o mistério da Cruz – ele, no coração do sofrido nascimento da Reforma Teresiana; ela, em solidariedade com todos aqueles que sofreram os horrores da perseguição nacional-socialista. O que significa viver «desposada com o Senhor sob o signo da Cruz»: um argumento que ela explora amplamente nos seus últimos meses, enquanto redigia o seu trabalho sobre o Doutor Místico.

Para calcular a extensão do seu conhecimento de João da Cruz, seria interessante compará-la com as suas «irmãs maiores» francesas, Santa Teresa de Lisieux e a beata Isabel da Trindade. As três eram discípulas convencidas de João da Cruz. Basta lembrar a exclamação de Teresa na *História de uma alma*: «Ah! quantas luzes não extraí dos escritos do Nosso Pai S. João da Cruz!... Na idade de 17 e 18 anos, não tinha outro alimento espiritual» (Ms A 83 r). Embora Teresa e Isabel tenham lido pouco ou quase nada dos comentários da *Subida* e da *Noite Escura* de João da Cruz, citam quase exclusivamente o *Cântico Espiritual* e a *Chama de amor viva*, do último volume da edição em quatro volumes daquela época. (É interessante notar que é este o livro que Isabel leva debaixo do braço na sua última fotografia, tirada no terraço diante da enfermaria, um mês antes da sua morte, em 1906).

Ao contrário, como seria de esperar de alguém da sua cultura, Edith aborda o seu Pai no Carmelo mais sistematicamente. Enquanto se prepara para o retiro da sua tomada de hábito, em 1934, escreve à Madre Petra: «O nosso Pai João da Cruz será o meu guia, com a “*Subida do Monte Carmelo*”». A estampa-recordação da sua tomada de hábito traz uma citação da *Subida do Monte Carmelo* com o gráfico do Monte Carmelo: «Para chegares a ser tudo, não queiras ser nada». No ano seguinte, referindo-se ao retiro que fará antes da profissão, escreve: «Para a preparação própria e autêntica da profissão escolhi como guia o nosso ven. Pai João da Cruz, como já fiz antes da tomada de hábito». Nota a seguir: «Para a minha meditação, tenho a *Noite Escura* do nosso Santo Pai João e o Evangelho de João». Por ocasião da sua profissão solene, três anos mais tarde, Edith já se tinha familiarizado com o *Cântico Espiritual* e o seu comentário. Para a estampa da sua profissão solene cita a estrofe 28: «Somente amar é o meu viver», uma norma de vida adequada a uma mulher que sacrificou tudo em troca da sua nova vida no Carmelo.

Resumindo, as muitas referências a João da Cruz nas suas cartas e nos seus escritos após a sua entrada no Carmelo, revelam um interesse profundo pelo Doutor Místico, um interesse não meramente intelectual nem uma moda passageira. Ela recomenda os seus escritos a amigos estudiosos, leigos e religiosos, e explica-lhes pontos importantes da sua doutrina. Realça também a festa de São João da Cruz, escreve reflexões espirituais para estas ocasiões, compõe uma «recriação» piedosa para a comunidade de Echt, colocando João da Cruz como um

dos personagens principais, e tenta também «uma cópia da récita que o Santo Padre fez depois da visão do crucifixo... A reprodu o no livro do P. Bruno não   muito viva, e eu sou tudo, menos artista. Todavia, fi-lo com tanto amor e respeito...» Resumindo, no Carmelo, Edith Stein mostrou um empenho crescente em penetrar progressivamente nos escritos e na doutrina são-joaninos, mas sempre acrescentou francamente que, lendo muitas vezes o Doutor Místico, não tinha a certeza de ter compreendido e integrado a sua mensagem. Em Novembro de 1940, escreve de Echt ao seu Carmelo de Col nia: «Há algumas semanas que me encarregaram de procurar material para as medita es e escolho pequenos trechos da *Subida do Monte Carmelo* como prepara o para a festa. Foi este o meu texto de medita o durante o retiro que precedeu a minha tomada de hábito. Cada ano tenho avançado um degrau – nos livros de São João da Cruz –, mas não quero dizer com isto que tenha mantido o ritmo, pelo contrário, sinto-me ainda aos p s do monte...»

João da Cruz

nos ensaios e nos livros de Edith Stein

Pouco depois da sua entrada no Carmelo, S. Teresa Benedita, como sabemos, foi estimulada a continuar a escrever, especialmente obras carmelitanas para serem publicadas. Assim, desenvolveu mais amplamente as suas reflexões sobre João da Cruz. Encontramos várias referências ao «Santo Padre João». No seu «Amor por amor. Vida e obras de Santa Teresa de Jesus», descreve o papel principal de João da Cruz na consolida o da Reforma Teresiana e adverte que «o humilde e pequeno João da Cruz, o grande Santo e Doutor da Igreja, deixou-vos o seu espírito. Também ele era um homem de ora o, de penitência, de direc o espiritual, sobrenaturalmente iluminado. Mas eram outros os que conduziam exteriormente a Reforma». Na sua história de 1935 – «*História e Espírito do Carmelo*» –, apresenta a seguinte imagem idealizada pelo Santo (uma vez mais de maneira interessante, mas sem mencionar explicitamente o tema da Cruz): «O nosso segundo pai e mestre   São João da Cruz, venerado por nós como o primeiro Carmelita Descalço. Nele encontramos manifesto, de uma maneira pura, o antigo

espírito eremítico. Dá a impressão de que na sua vida não terá conhecido lutas internas. Desde a sua primeira infância, foi particularmente protegido pela Mãe de Deus; portanto, mal chegou ao uso da razão, foi orientado para uma penitência austera, para a solidão, para o afastamento de todas as coisas terrenas para se unir com Deus. No Carmelo renovado tornou-se instrumento de eleição, modelo de vida e de ensino no espírito do Santo padre Elias. Juntamente com a Santa Madre Teresa, formou espiritualmente a primeira geração de Carmelitas Descalços, frades e monjas. Com os seus escritos guia-nos para a “subida do Monte Carmelo”».

Num artigo semelhante do mesmo ano, «*Eine Meisterin der erziehungs-und Bildungsarbeit: Teresia von Jesus*», escreve sobre João da Cruz com a mesma inspiração. O seu nome aparece, de passagem, noutros ensaios actualmente copilados. (Outros especialistas sugerem que o tema da «noite», na sua famosa conferência de 1931, «O mistério de Natal», inclui também antigos vestígios da influência de João da Cruz, embora não o mencione explicitamente).

A versão revista da sua tese «*Acto e Potência*», que desenvolveu no seu *Ser finito e Ser Eterno*, contém referências a João da Cruz. O P. Sancho Fermín observa a influência do Doutor Místico, especialmente na VII Parte, sobre a «*Imagem da Trindade na Criação*», onde escreve: «A graça mística concede como experiência o que a fé ensina: que Deus habita na alma. Quem, guiado pela fé, procura a Deus, encaminhar-se-á livremente na mesma direcção em que outros foram atraídos pela graça, onde se privam dos sentidos e das “imagens” da memória, da actividade prática natural do entendimento e da vontade, para se recolher na deserta solidão interior e aí permanecer na fé escura, num simples olhar amoroso do espírito para o Deus escondido, que momentaneamente está velado. Ele permanecerá aqui numa profunda paz – porque aí reside a sua quietude – até quando aprouver ao Senhor transformar a fé em visão. Em poucos traços, esta é a *Subida do Monte Carmelo*, tal como no-la ensina o Nosso Santo Padre João da Cruz».

Volta a referir-se a isto muitas vezes, no seu livro *Scientia Crucis*, especialmente quando trata da natureza do ser espiritual.

Uma vez mais, embora o nome do Doutor Místico não seja mencionado nas «*Vias do Conhecimento de Deus*», não pode ser omitida a relação entre o ensino de João da Cruz e a doutrina do

Pseudo-Dionísio de que «a elevação para Deus é uma elevação no silêncio». Encontramos também aqui o seu interesse pela natureza do símbolo, que reaparecerá na *Scientia Crucis*.

Antes de avançar, devo dizer uma palavra sobre o amor da Cruz em «algumas reflexões para a festa de São João da Cruz» que a Doutora Gelber data por volta de 1934. Este breve escrito não devia talvez destinar-se a ser publicado, mas preannuncia temas que aparecerão na *Scientia Crucis*...

Ali sobressai a ideia de que «o amor pelo sofrimento» de João da Cruz é «apenas a recordação, cheia de amor dos sofrimentos padecidos na terra por nosso Senhor; apenas um movimento impetuoso da alma que, comovida, quer aproximar-se d'Ele com uma vida semelhante à sua». Realça, porém, que a Cruz e a ressurreição são inseparáveis e que «o sofrimento voluntariamente aceite como expiação é o que verdadeiramente une ao Senhor, e realmente, em profundidade. E esse nasce só da união com Cristo que já esteja em acto. Porque o homem natural foge ao sofrimento... Só pode desejar o sofrimento expiatório aquele cujo olhar espiritual é capaz de captar os nexos sobrenaturais dos acontecimentos do mundo. E isto só é possível em homens nos quais vive o espírito de Cristo e que, como membros do seu corpo, recebem da Cabeça a sua vida, a sua força, os seus sentimentos, a sua orientação... Só podem levar a Cruz de Cristo os redimidos, os filhos da graça. O sofrimento humano extrai o seu poder reparador apenas da união com a Cabeça divina».

Scientia Crucis

Chegamos agora à sua última e mais famosa obra, «*Scientia Crucis*». Até há pouco tempo, para muitos leitores como eu, Edith Stein como escritora era conhecida sobretudo pelo seu comentário sobre João da Cruz. E isso precisamente porque a *Scientia Crucis* foi, durante muito tempo, o único livro disponível em inglês, numa publicação de 1960, tradução de Hilda Graef.

Confesso que quando li pela primeira vez a *Scientia Crucis*, há 25 anos, enquanto estudava filosofia na universidade, fiquei decepcionado. Parecia talvez uma heresia, para aquele tempo! Mas encontrei outros leitores, especialmente aqueles que se aproximavam a Edith com um

conhecimento prévio de João da Cruz, que manifestaram reacções semelhantes. Em primeiro lugar, a *Scientia Crucis* não parecia tão científica como sugeria o título. Não há nenhuma preocupação em situar o tema tratado no debate alemão sobre a relação entre as ciências da «natureza» e as da «cultura», a «ciência da natureza» e a «ciência do espírito», um tema tratado pela jovem filósofa Stein. Além disso, estabelece explicitamente o diálogo entre João da Cruz e a fenomenologia e outras grandes correntes modernas de pensamento, como fez com o tomismo. As secções biográficas sobre João da Cruz aparecem às vezes sob forma hagiográfica, e alguns dos seus centros de interesse (como a contemplação adquirida, a autenticidade dos manuscritos de João da Cruz, ou a reconciliação de João da Cruz com o tomismo) parecem superados. Mas sobretudo, a maior parte do livro parece uma contínua paráfrase dos escritos de João da Cruz, um rosário sem fim de citações unidas entre si por conjunções ou frases ocasionais de transição. A impressão que fica da primeira leitura é que *Scientia Crucis* parece, mais do que um sumário, uma versão condensada dos escritos de João da Cruz, e não um ponto de referência para os estudos são-joaninos, como seria de esperar de um estudioso como Edith Stein.

Estas críticas não têm em conta a natureza e o propósito do livro, nem sequer o contexto em que foi escrito. Quando começou a trabalhar na *Scientia Crucis*, no Carmelo de Echt, em 1941, durante os últimos meses da sua vida, a Alemanha tinha já invadido a Holanda, e a ameaça dos nazis aumentava cada vez com mais perigo. A Irmã Antónia, a nova priora eleita, decidiu dispensar Edith dos trabalhos domésticos para pôr a render de maneira mais completa os seus talentos intelectuais e encomendou-lhe a tarefa de escrever um livro sobre São João da Cruz como preparação para o seu Centenário de 1942. A Ir. Amada Neyer sublinhou que esta tarefa foi encomendada a Stein provavelmente para desviar a sua atenção de tudo quanto acontecia fora da clausura. De qualquer maneira, Edith Stein pôs zelosamente mãos à obra. Em Novembro de 1940, escreveu à Madre Johana van Weersth, priora de Beek: «Agora estou a recolher material para uma nova publicação, pois a nossa madre priora quer que me dedique novamente ao trabalho científico, até quando as nossas condições de vida e as circunstâncias actuais o permitam. Por mim, estou contente de ainda poder fazer alguma coisa antes que o cérebro se me embote completamente...».

Em Outubro do ano seguinte, pede-lhe: «Por favor, poderia Vossa Reverência rezar um pouco ao Espírito Santo e ao nosso Pai São João

da Cruz, para o qual estou a organizar o trabalho. Trata-se de algo para o quarto centenário do seu nascimento (Junho de 1942), mas tudo tem de vir do alto».

Pede também alguns livros de que precisa, como a biografia de João da Cruz, do P. Bruno, ou o livro de Jean Baruzi, *Saint Jean de la Croix et le problème de l'expérience mystique*, na segunda edição. Isto confirma o ponto de vista de Sancho Fermín de que Stein estava interessada em acompanhar o estado dos estudos sobre João da Cruz naquele tempo. Observa mais do que uma vez que, embora seja de um não-crente, o livro de Baruzi «está feito com a máxima precisão e é insubstituível para quem quer fazer um estudo profundo». A maior parte dos elementos biográficos do seu livro são tirados do P. Bruno, que era o perito mais fidedigno de que a biografia de João da Cruz dispunha então. São estas as duas fontes que ela aponta no seu prefácio da *Scientia Crucis*, o que prova que utilizou as melhores fontes que pôde encontrar.

Por outro lado, tudo isto deve levantar questões em relação à aceitação que o livro teve entre o público. O título original do manuscrito é: «*Scientia Crucis: ao Doutor da Igreja e ao Pai dos Carmelitas por ocasião do quarto centenário do seu nascimento*», com uma ulterior anotação: «*De uma das suas filhas de Echt*», mas sem mencionar o seu nome, Edith Stein ou Ir. Teresa Benedita da Cruz. O texto que nos chegou está em alemão. O Carmelo de Echt não o teria, provavelmente, publicado nessa língua. Além disso, o livro não podia publicar-se nos territórios sob controlo nazi com Edith Stein como autora. Em Abril de 1942, numa carta ao mosteiro de Colónia, escreve ela: «Quando terminar o manuscrito, enviarei uma cópia em alemão ao P. Eriberto (Provincial da Alemanha) para o policopiar para os mosteiros». Isto significa que havia a intenção de fazer uma publicação anónima em alemão e em holandês, para uso dos próprios Carmelitas, Padres e Irmãs. Assim se explica também porque o livro está escrito num estilo mais acessível do que os livros filosóficos. Não tinha empreendido uma obra académica ou com a intenção de oferecer novas conclusões ou perspectivas, mas propôs-se simplesmente escrever um livro para o jubileu para as Carmelitas e os Carmelitas que procurarão «tratar de compreender João da Cruz na unidade do seu ser tal como se manifesta na sua vida e nos seus escritos, considerando o todo desde um ponto de vista que permita alcançar com um só relance esta unidade». Naturalmente, como o título

indica, Edith Stein encontra estes princípios da unidade na *Scientia Crucis*, que não é uma *ciência* no sentido habitual do termo; «não se trata de uma pura teoria, isto é, de um mero conjunto de sentenças verdadeiras – nem de uma construção ideal urdida por um progresso lógico do pensamento. Trata-se, pelo contrário, de uma verdade já conhecida – a Teologia da Cruz –, mas que é uma verdade viva». «A doutrina da cruz de São João não poderia chamar-se *Ciência da Cruz* no sentido que nós entendemos, se se baseasse exclusivamente em conhecimentos de carácter intelectual... Os frutos desta árvore vêem-se na sua vida». O principal propósito de Edith Stein neste livro é, portanto, mostrar que a doutrina e a vida de João da Cruz estão unidas no mistério da Cruz (onde ela própria encontra o princípio unificador para a sua vida e para o seu pensamento).

As partes do livro que os contemporâneos acharam interessantes, são aquelas em que Edith Stein irradia de uma maneira intermitente; não são as longas secções concisas (ainda que seria preciso fazer um estudo minucioso do modo como ela escolhe as citações, por exemplo, o facto de ela citar praticamente todas as referências à «noite» ou à «cruz»), mas antes as secções em que ela fala em nome próprio. É aqui que encontramos uma breve, mas agradável, síntese criativa das várias vias nas quais João encontrou a cruz (não prioritariamente através das tentações na sua vida, mas na Escritura, na Liturgia, na arte e nas visões). Aqui encontramos as suas reflexões sobre a «sagrada objectividade» e sobre a natureza do símbolo e da relação entre a «cruz» e a «noite»; a sua análise fenomenológica destes temas é famosa, e com razão.

A cruz «não é absolutamente uma figura propriamente dita... A cruz adquiriu a sua importância através da sua história. Não é um *objecto criado pela mãe natureza*, mas um *engenho fabricado*, produzido pelas mãos dos homens e destinado a um fim bem preciso. ...

A *noite*, pelo contrário, é algo *natural*: o contrário da luz que nos envolve a nós e a todas as coisas. E esta nem sequer é um *objecto* no sentido literal: não se nos opõe e não subsiste por si mesma. Não é tão-pouco uma *imagem*, se pretendemos falar de uma forma visível. É invisível e não se pode agarrar. Contudo, apreendemo-la bem, mais, é-nos muito mais conatural que todas as outras coisas e figuras, está intimamente ligada ao nosso ser. Assim como a luz faz ressaltar as coisas com as suas características visíveis, assim a noite as *devora*,

ameaçando devorar-nos também a nós. Aquilo que mergulha nela não é aniquilado; continua a existir, mas indistinto, invisível e informe como a própria noite, ou também sob forma de sombras, de fantasmas e, portanto, ameaçador... A noite cósmica actua em nós do mesmo modo que aquela que se chama noite em sentido figurado».

Em «A alma no reino do espírito e dos espíritos», uma alínea importante de transição, de cerca de 25 páginas, ela repõe várias questões levantadas nos comentários à Subida e à Noite Escura no que diz respeito à liberdade e à interioridade, aos vários modos de união com Deus e à relação entre a fé e a contemplação. Esta alínea termina com uma passagem verdadeiramente patética que parece falar tanto do espírito próprio de Edith Stein e da sua espiritualidade como da doutrina de João da Cruz: «Na paixão e morte de Cristo os nossos pecados foram queimados. Se acolhemos com fé esta verdade, aceitando fielmente e sem reservas o Cristo total de modo a escolher e a percorrer o caminho da imitação de Cristo, Ele ‘através’ da sua paixão e morte conduzir-nos-á à glória da ressurreição». É exactamente isto que se experimenta na contemplação: quando, atravessando o fogo da expiação, se chega à beatificante união de amor. À luz desta realidade se explica também o seu carácter aparentemente contraditório. É ao mesmo tempo, *morte e ressurreição*. Depois da *Noite escura* radiante, a *Chama viva de amor*».

Estas alíneas «mais criativas» de *Scientia Crucis* foram já estudadas pormenorizadamente por vários especialistas. Não é preciso discuti-las aqui, uma vez que são menos dependentes da vida e doutrina do próprio João da Cruz, como Stein o reconhece no seu Prefácio. (Além disso, ela já escrevera sobre o simbolismo; e a «própria ciência da cruz» não vem de João da Cruz, mas de Jesus). Voltamos agora ao tema geral com que começámos – a relação entre a nossa nova santa e o «seu santo Pai» – para ver que conclusões podemos extrair.

O que Edith Stein deve a João da Cruz

Paradoxalmente, revendo todo este material, continua difícil de dizer com precisão como João da Cruz influenciou a vida de Edith Stein e o seu pensamento, excepto naquilo que foi dito em termos gerais. A sua famosa observação, «secretum meum mihi», pode bem aplicar-se

aqui. Podemos especular, dizendo que foi atraída pelos paralelismos entre a sua vida e a de João da Cruz (Edith nota esta lacuna no livro de Baruzi); todos estes temas eram de grande significado para ela, como carmelita e como cristã. Podemos deduzi-lo do facto de ela ter tomado João da Cruz como «guia do seu retiro» e que entrou em relação com ele como fonte de uma particular direcção espiritual. Mas não recorda nenhuma graça imprevista e particular que lhe tenha vindo da leitura das obras de João da Cruz, nem uma experiência semelhante à da leitura da vida de Teresa, só numa noite, com a conclusão: «Esta é a verdade!» Com efeito, não parece que João da Cruz lhe tenha proporcionado muitos estímulos para uma nova conversão intelectual ou moral, mas antes parece que lhe ofereceu a oportunidade de reflectir mais profundamente sobre problemas já importantes para ela. Como fenomenóloga, ela terá apreciado a compreensão profunda do Doutor Místico das complexidades da experiência humana e das subtilidades da graça que age nas profundidades interiores da pessoa humana, embora as opiniões de João da Cruz estivessem escritas numa linguagem conceptual diferente. Embora tenha encontrado a cruz muito antes de se ter embrenhado nos escritos são-joaninos, João da Cruz ajudou-a a avaliar a radicalidade das suas exigências, a profundidade da conversão e da transformação que a união com Deus necessita e que tanto amava; guiou-a na vivência das instâncias da cruz até nos mínimos detalhes da sua vida. Ela era mesmo um dos primeiros autores a abordar o tema da noite em João da Cruz e a dar-lhe uma dimensão política, social, falando da «noite do pecado» que tinha então alastrado na Europa Ocidental: «As maiores figuras dos profetas saíram da mais negra noite». Ela própria teria querido ser esse profeta na «noite escura» de Westerbork e de Auschwitz.

Finalmente, se o erro mais comum das interpretações anteriores de João da Cruz era acentuar excessivamente os aspectos ascéticos do seu ensino, o erro contemporâneo perverso (visível sobretudo nas tentativas da New Age em assimilar João da Cruz) está, talvez, em acentuar apenas a exaltada consciência mística descrita por ele. Edith Stein, na *Scientia Crucis* e noutros escritos, oferece aos leitores contemporâneos um correctivo válido, uma alternativa a estas investidas parciais do «seu santo Pai João». Ela aponta-nos a via do meio, recordando-nos que, embora João da Cruz não tenha invocado o sofrimento para a própria salvação, a «divinização» para a qual orienta, requer a morte total do nosso velho eu. A cruz e a ressurreição andam

juntas. Esta é também, provavelmente, a via do meio apontada na récita sobre João da Cruz, «récita sobre o Monte Carmelo», a via dos sete «nada» que conduzem ao glorioso banquete da caridade, paz e alegria e justiça no cume, onde «só mora a honra e a glória de Deus». Esta é a via que Edith escolheu para si própria, melhor, a via através da qual permitiu que o amor de Deus a guiasse.

Conclusão

Uma semana antes de morrer, no Verão passado, o P. Ross Collings deu às monjas de Auckland a sua última conferência, sobre a vida e a espiritualidade da nossa nova santa. Providencialmente, por estar a preparar a minha exposição, recebi um vídeo dessa conferência. Na sua conclusão, o P. Ross apontava, com a sua fulgurante inteligência, como Edith Stein tinha vivido e morrido, e como a fidelidade à sua vocação a todo o custo se tornou muito mais importante do que qualquer outra coisa que tenha escrito ou pensado. Talvez possamos dizer o mesmo, em certo sentido, do próprio P. Ross. Em sinal de respeito e gratidão para com ele, por tudo o que fez pela Ordem e pela Igreja na sua vida no Carmelo, quero concluir com a observação que diz respeito à obra de Edith Stein sobre o Doutor Místico, João da Cruz.

A história diz-nos que Edith Stein estava a trabalhar na *Scientia Crucis* quase até ao momento em que foi presa. O livro, de facto, termina repentinamente (embora não tanto como a Subida do Monte Carmelo ou a Noite Escura), com uma narração da morte de João da Cruz, e sem conclusão ou post-scriptum. Diz-se, portanto, com frequência, que a *Scientia Crucis*, é uma obra fragmentária.

Porém, a evidência interior sugere que o livro está essencialmente completo. Edith Stein procurou rever e analisar todos os escritos de João da Cruz, inclusive as suas obras menores, e tratou todas as fases da sua vida. Tendo em conta a finalidade do livro, é difícil imaginar que mais pudesse acrescentar, para além das conclusões. De facto, como Sancho Fermín indicou, até a tinta que utilizou no fim do manuscrito, poupado à destruição, é idêntica à que utilizou no princípio. Isto significa que, depois da última parte, voltou atrás para escrever o prefácio, como fazem muitos autores ao porem o ponto final no seu trabalho.

Talvez possamos dizer antes, que a obra está necessariamente incompleta noutro sentido, no sentido de Edith. Como acima observámos, Edith Stein escreve na última parte que a doutrina de São João da Cruz não se deve chamar ciência da Cruz no sentido habitual, talvez baseado numa opinião racional... Os seus frutos devem ver-se na vida do santo. Mas, escrever apenas sobre as obras de João da Cruz, não bastava. O último capítulo devia ser *vivido*, ser escrito, falado com o seu próprio sangue. É este o mistério do completo abandono de Edith Stein ao mistério da cruz, o mistério da morte e ressurreição de Cristo que dá à sua última obra tanto poder e tanta ressonância. O modo como santa Teresa Benedita da Cruz viveu e morreu, mais do que tudo o que escreveu, é o seu grande testamento e o seu tributo ao seu santo Padre, São João da Cruz.

«Do Campus Universitário ao Campo de Extermínio de Auschwitz. Do Judaísmo da família Stein à vida do Carmelo. O percurso vertiginoso e arrebatador de Edith Stein. Cada minuto vivido na sua máxima intensidade. «Uma alta montanha a escalar até ao cimo», foi um lema de Santa Teresa de Ávila e a vida de Edith Stein. Uma imolação por amor na união com o seu povo e na configuração com a paixão de Cristo».

HOMILIA DA MISSA DE BEATIFICAÇÃO DE EDITH STEIN

JOÃO PAULO II

«Estes são os que vieram da grande tribulação: lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro» (Apoc 7,14).

1. Entre estes homens e mulheres bem-aventurados, saudamos hoje, com veneração profunda e santa alegria, uma filha do povo de Israel, rica em sabedoria e fortaleza. Formada na rígida escola da tradição de Israel e caracterizada por uma existência de virtude e de renúncia na vida religiosa, ela demonstrou um ânimo heróico no caminho para o campo de extermínio. Unida a Cristo crucificado, entregou a sua vida «pela paz verdadeira» e «pelo povo»: Edith Stein, judia, filósofa, religiosa, mártir.

Muito venerado Senhor Cardeal, queridos irmãos e irmãs!

Com a beatificação de hoje realiza-se um desejo acalentado durante muito tempo, não só pela Arquidiocese de Colónia, mas também

* Homilia do Papa João Paulo II, pronunciada em Colónia (Alemanha) em 1 de Maio de 1987, na beatificação de Edith Stein. *L'Osservatore Romano*, 17 de Maio de 1987.

por muitos cristãos e muitas comunidades na Igreja. Há sete anos, a Conferência Episcopal Alemã apresentou unanimemente este pedido à Santa Sé, e a este pedido uniram-se outros Bispos simpatizantes da causa, de diversos Países. Por isso, grande é a alegria que todos nós sentimos hoje ao satisfazer este pedido e de poder nesta solene liturgia, diante dos fiéis e em nome da Igreja, declarar a *Irmã Teresa Benedita da Cruz como Beata na glória de Deus*. Poderemos, a partir de agora venerá-la como mártir e solicitar a sua intercessão junto do trono de Deus. Por isso me alegro convosco e, sobretudo, com as suas irmãs do Carmelo de Colónia e de Echt, e também com todos os que pertencem a esta Ordem religiosa. Além disso, causa-nos sentimentos de alegria e de gratidão o facto de estarem também presentes nesta celebração litúrgica irmãs e irmãos judeus e, em particular, os familiares de Edith Stein.

2. «Manifestai-Vos no dia da nossa tribulação e fortalecei-nos, Senhor» (Est 14,12). As palavras desta súplica, que escutámos na primeira leitura da liturgia de hoje, pronuncia-as *Ester, uma filha de Israel*, em tempo do exílio da Babilónia. A sua oração dirigida a Deus, no momento de perigo mortal para ela e para todo o seu povo, nos comove profundamente:

«*Meu Senhor, meu único Rei, assisti-me no meu desamparo, porque não tenho outro socorro senão Vós, porque o perigo é iminente... Senhor, escolheste Israel entre todas as nações, e os nossos pais, entre todos os seus antepassados, para fazer deles Vossa herança perpétua... Ó Deus, poderoso sobre todas as coisas... livrai-nos...!*» (Est 14,3-9).

O medo da morte, diante da qual Ester treme, surgiu quando, sob a influência do poderoso Amã, um inimigo mortal dos Judeus, se tinha difundido em toda a Pérsia a *ordem de exterminar este povo*. Com a ajuda de Deus e a entrega da sua própria vida, Ester contribuiu de maneira decisiva para a salvação do seu povo.

3. Esta oração suplicante, que remonta a mais de dois mil anos, é, pela liturgia festiva deste dia, posta nos lábios da *Serva de Deus Edith Stein*, uma filha de Israel do nosso século. A oração tornou-se de novo actual, dado que aqui, no coração da Europa, foi uma vez mais concebido o *plano de exterminar os judeus*. Concebeu-o uma ideologia desatinada, em nome de um racismo satânico, levando-o à prática com consequências desastrosas.

Enquanto se desenrolavam os dramáticos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, construíram-se rapidamente os *campos de concentração e os fornos crematórios*. Nesses lugares terríveis encontraram a morte milhões de filhos e de filhas de Isarel de todas as idades, desde as crianças até aos anciãos. O tremendo aparato de poder do Estado totalitário não poupou ninguém e adoptou as medidas mais cruéis também contra aqueles que tiveram a coragem de defender os judeus.

4. Edith Stein morreu no campo de concentração de *Auschwitz*, como filha do seu povo martirizado. Não obstante a sua transferência de Colónia para o Carmelo de Echt, ela encontrou ali apenas um refúgio provisório ante a crescente perseguição contra os judeus. Depois da ocupação da Holanda, os nacional-socialistas começaram imediatamente, também ali, o extermínio dos judeus, excluindo no início os judeus baptizados. Mas, quando os Bispos católicos dos Países Baixos protestaram duramente, numa *Carta pastoral*, contra as deportações dos judeus, os detentores do poder vingaram-se, determinando também o extermínio dos judeus de fé católica.

Assim, a Irmã Teresa Benedita da Cruz, juntamente com a sua querida irmã Rosa, que se refugiara no Carmelo de Echt, começou o seu caminho para o martírio.

Quando chegou a hora de deixar o Carmelo, Edith limitou-se a pegar na sua irmã pela mão, e disse: «*Vem, ofereçamo-nos pelo nosso povo*». Com a força de um discípulo de Criso e disposta a sacrificar-se por Ele, viu, mesmo na sua aparente debilidade, um modo de prestar um último serviço ao seu povo. Já alguns anos antes, ela se tinha comparado à rainha Ester, no exílio junto da corte persiana. Numa das suas cartas lemos o seguinte: «Tenho a certeza de que o Senhor aceitou a minha vida por todos os judeus. Penso continuamente na rainha Ester, que foi levada do seu povo, precisamente, para se apresentar perante o rei em favor do povo. *Eu sou uma pequena Ester*, muito pobre e fraca, mas o Rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso».

5. Caros irmãos e irmãs. Juntamente com a oração de Ester, encontramos um trecho tirado da Carta aos Gálatas. O Apóstolo Paulo escreve: «*Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*» (Gal 6,14).

Também Edith Stein encontrou no caminho da sua vida este mistério da cruz, anunciado por S. Paulo aos cristãos nesta Carta. Edith Stein encontrou-se com Cristo, e este encontro levou-a, passo a passo, à clausura do Carmelo. No campo de extermínio ela morreu como filha de Israel «para glória do nome santíssimo de Deus», e, ao mesmo tempo, como Irmã Teresa Benedita da Cruz, isto é, abençoada pela cruz.

Toda a vida de Edith Stein é caracterizada por uma incansável busca da verdade e está iluminada pela bênção da cruz de Cristo. Teve o seu primeiro encontro com a realidade da cruz na pessoa de uma religiosíssima viúva de um colega de estudos, para a qual a trágica morte do marido não foi ocasião de dúvida para a própria fé, mas uma circunstância em que encontrou na cruz de Cristo a força e o consolo. Edith Stein escreveu mais tarde sobre este episódio: «Foi o meu primeiro encontro com a cruz e com a força que Deus dá àqueles que a levam... Nesse momento a minha incredulidade derrocou, e resplandeceu Cristo: Cristo no mistério da cruz». *A sua vida e o seu itinerário de cruz estão intimamente ligados ao destino do povo judeu.* Numa oração, confessa ao Senhor o que ela sabia: «que a sua cruz agora era posta sobre os ombros do povo judeu», e todos os que compreendessem isto «deveriam estar prontos a tomá-la sobre os próprios ombros em nome de todos. Eu queria fazê-lo se Ele me mostrasse o modo». Ao mesmo tempo ela tem a certeza interior de que Deus escutara a sua oração. Quanto mais cruces suásticas se viam pela rua, tanto mais se elevava a cruz de Cristo na sua própria vida.

Quando entrou no Carmelo de Colónia, com o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz, para participar, de maneira ainda mais profunda, no mistério da cruz de Cristo, ela sabia que tinha «esposado o Senhor no sinal da cruz». No dia da sua primeira profissão pareceu-lhe ser, como ela própria disse, «como a *espoda do Cordeiro*». Estava convicta de que o seu Esposo celeste queria introduzi-la no mais íntimo do mistério da cruz.

6. *Teresa, a abençoada pela cruz*, este é o nome daquela mulher que iniciou o seu caminho espiritual com a convicção de que *não existe absolutamente nenhum Deus*. Nos anos da sua juventude e dos seus estudos, a sua vida não tinha sido ainda marcada pela cruz de Cristo; no entanto, esta constituía já o objectivo da constante procura e

do estudo da sua viva inteligência. Quando tinha quinze anos, na sua cidade natal, Breslau, Edith, nascida numa família judaica, decidiu «deixar de rezar», como ela mesma confessou. Apesar de ter sido profundamente impressionada pela forte fé da sua mãe, transcorreu os anos da juventude e de estudos com espírito ateu. Considerava inadmissível a existência de um Deus pessoal.

Nos anos dos seus estudos de psicologia, filosofia, história e filologia germânica em Breslau, Gotinga e Friburgo, Deus não ocupava nenhum lugar na sua vida. Todavia, professava um «*idealismo ético muito elevado*». De acordo com o seu grande talento intelectual, não quis aceitar nada que não fosse provado, nem sequer a fé dos seus pais. Desejava ir por si mesma ao fundamento das coisas. Por isso, busca incansavelmente a verdade. Mais tarde, olhando para essa época de inquietude espiritual, reconheceu esse tempo como um etapa importante do seu processo de maturação interior, afirmando: «*A minha busca da verdade era uma verdadeira e própria oração*» – maravilhosa frase de consolo para todos os que têm dificuldade em crer em Deus! A procura da verdade é já, no mais íntimo, uma busca de Deus.

Sob a forte influência do seu mestre, *Husserl*, e da sua escola fenomenológica, esta estudante inquieta dedicou-se cada vez mais decididamente à filosofia. Aprendeu sobretudo «a considerar tudo sem preconceitos e a rejeitar todas as viseiras». O encontro com *Max Scheler* em Gotinga, proporcionou a Edith Stein o *primeiro contacto com as ideias católicas*. Ela mesma escreve sobre isto: «As barreiras dos preconceitos racionalistas, nos quais eu cresci sem o saber, fecharam-se e o mundo da fé apareceu, de repente, diante de mim. Dele fazem parte integrante as pessoas, com quem me relacionava diariamente e eram por mim vistas com admiração». A longa luta para uma decisão pessoal de aderir à fé em Jesus Cristo terminou só em 1921, quando ela começou a ler a «*Vida de Santa Teresa de Ávila*», livro escrito pela própria Santa e encontrado na casa de uma amiga. Ficou imediatamente impressionada pela leitura e não a deixou enquanto não chegou ao fim. «Quando terminei a leitura, disse a mesma mesma: *Esta é a verdade*». Esteve a lê-lo durante a noite toda, até ao amanhecer. Naquela noite, ela encontrou a verdade; não a verdade da filosofia, mas a verdade em pessoa, o «Tu» amoroso de Deus. Edith Stein estava à procura da verdade e encontrou Deus. Sem mais delongas, pediu para ser baptizada e recebida na Igreja católica.

7. A recepção do baptismo não significou de modo algum para Edith Stein a *ruptura com o seu povo judeu*. Pelo contrário, ela afirma: «Quando eu era uma jovem de catorze anos deixei de praticar a religião judaica, e só depois do meu retorno a Deus é que me senti judia». Ela sempre teve consciência de que «pertencia a Cristo, não só espiritualmente mas também por descendência». Sofreu muito pela grande dor causada à mãe devido à sua conversão, mas continuava a acompanhá-la à sinagoga e recitava com ela os Salmos. À afirmação da mãe de que também se podia ser piedosa sendo judia ela respondeu: «Sem dúvida, mas quando não se conheceu outra coisa».

Embora desde o encontro com os escritos de Santa Teresa de Ávila o Carmelo tivesse sido a meta de Edith Stein, ela teve de esperar mais de dez anos, quando então Cristo lhe mostrou, na oração, o caminho para a entrada no Carmelo. Na sua actividade como mestra e professora, no trabalho escolar e nas tarefas de formação, desempenhadas na maior parte em Espira e depois também em Münster, ela continuou a trabalhar para conciliar *ciência e fé*. Neste mister queria ser apenas um instrumento do Senhor. «Quem vem a mim, quero conduzi-lo a Ele».

Já nessa actividade ela viveu como uma religiosa, fez os três votos privadamente e tornou-se uma grande e inspirada mulher de oração. Estudando intensamente S. Tomás de Aquino, chega à conclusão de que é possível «praticar a ciência como um serviço divino... Só em virtude desta convicção é que pude decidir, em plena consciência, iniciar de novo (depois da conversão) um trabalho científico». Apesar do seu grande esforço pela ciência, Edith Stein vai percebendo com maior clareza que a *essência do ser cristão não é o saber mas o amar*.

Quando enfim, em 1933, Edith Stein entrou no Carmelo de Colónia, este passo não significou para ela uma fuga do mundo ou das próprias responsabilidades, mas uma *participação ainda mais decidida no seguimento da cruz de Cristo*. No seu primeiro colóquio com a priora daquele Carmelo, ela disse: «O que pode ajudar-nos não é a actividade humana, mas a paixão de Cristo. O meu desejo é participar nela». Por isso mesmo, no momento da vestição, não pôde expressar outro desejo senão o de ser chamada, na vida religiosa, «da Cruz». E na estampa que recordava a sua profissão perpétua, ela pôs a frase de S. João da Cruz: «A minha única missão de agora em diante será amar ainda mais».

8. Queridos irmãos e irmãs. Com toda a Igreja inclinamo-nos hoje diante desta mulher, a quem, de agora para o futuro, poderemos chamar bem-aventurada na glória de Deus: inclinamo-nos diante desta grande filha de Israel, que em Cristo, o Redentor, descobriu a plenitude da sua fé e da missão para com o povo de Deus.

Segundo a convicção de Edith Stein, quem entra no Carmelo «não perde os seus, mas reencontra-os», pois a nossa vocação é precisamente a de *ser para todos diante de Deus*.

A partir do momento em que começou a entender o destino do povo de Israel «sob o sinal da cruz», a nossa nova Beata foi desejando cada vez mais assimilar Cristo no seu profundo mistério de redenção, para se sentir em unidade espiritual com os múltiplos sofrimentos do homem e para expiar as injustiças deste mundo que clamam ao céu. Como «Benedita da Cruz», ela quis levar a cruz juntamente com a de Cristo pela salvação do seu povo, da sua Igreja e do mundo inteiro. Ofereceu-se a Deus como «sacrifício expiatório pela paz verdadeira», e sobretudo pelo seu povo oprimido e humilhado. Depois de ter sabido que Deus de novo tinha com força poisado a sua mão sobre o seu povo, convenceu-se de que «*o destino deste povo era também o seu*».

Na sua penúltima obra teológica «*A ciência da Cruz*», que começara a escrever no Carmelo de Echt, como Irmã Teresa Benedita da Cruz – que, todavia, não pôde concluir porque teve de empreender o seu caminho da cruz –, ela observa: «Quando falamos de ciência da Cruz não entendemos... como pura teoria, mas expressamos uma *verdade viva, real e efectiva*». Quando vislumbrou sobre ela, como uma nuvem espessa, a ameaça de morte que pesava sobre o seu povo, mostrou-se disposta a testemunhar com a própria vida o que aprendera anteriormente: «Há uma vocação a padecer com Cristo e, como consequência, a colaborar na sua obra de salvação... Cristo continua a viver nos seus membros e neles continua a *Sua* paixão; o sofrimento suportado em união com o Senhor é a *Sua* paixão, o qual está inserido na grande obra de redenção e mediante ela se torna fecundo».

Com a sua irmã Rosa, a Irmã Teresa Benedita da Cruz percorreu o caminho para o extermínio, unida ao seu povo e «pelo» seu povo. Todavia, não aceitou passivamente o *sofrimento e a morte*, mas uniu-os conscientemente ao *sacrifício expiatório do nosso Salvador Jesus Cristo*. Alguns anos antes, escrevera no seu testamento espiritual:

«Desde já aceito a morte que Deus me tem reservada, com alegria e em completa submissão à sua santíssima vontade»... «Peço ao Senhor que se digne aceitar o meu sofrimento e a minha morte, para seu louvor e glória, por todas as necessidades... da Santa Igreja». O Senhor escutou esta oração.

A Igreja propõe hoje à nossa veneração e imitação a *Beata Mártir* Teresa Benedita da Cruz, exemplo de seguimento heróico de Cristo. Abramo-nos à mensagem que ela nos dirige como mulher do espírito e da ciência, que na ciência da cruz conheceu o ápice de toda a sabedoria; como uma grande filha do povo judeu e uma grande cristã no meio de milhões de irmãos inocentes martirizados. Ela viu que a cruz se aproximava de forma implacável, mas não fugiu atemorizada; pelo contrário, animada pela esperança cristã, abraçou-a com amor e entrega total e, penetrada pelo mistério da fé pascal, saudou-a à sua chegada: «*Ave Crux, spes unica!*».

Como disse na sua breve Carta pastoral o vosso venerado Cardeal Höffner: «Edith Stein é um dom de Deus, uma advertência e uma promessa para a nossa época. Possa ela interceder junto de nós, pelo nosso povo e por todos os povos!».

9. Queridos irmãos e irmãs: A Igreja do século XX vive hoje um grande dia! *Inclinamo-nos profundamente diante do testemunho da vida e da morte de Edith Stein*, ilustre filha de Israel e, ao mesmo tempo filha do Carmelo, Irmã Teresa Benedita da Cruz; uma personalidade que reúne, na sua rica vida, uma síntese dramática do nosso século. A síntese de uma história cheia de feridas profundas qua ainda hoje continuam a fazer sofrer, mas que homens e mulheres com sentido de responsabilidade se esforçaram e continuam a esforçar-se por sanar; síntese, ao mesmo tempo, da verdade plena sobre o homem, num coração que esteve inquieto e insatisfeito «enquanto não encontrou a paz em Deus».

Ao dirigirmo-nos espiritualmente para o lugar do martírio desta grande judia e mártir cristã, para o lugar daquele acontecimento terrível que hoje se chama «Shoah», escutamos a voz de Cristo, o Messias e Filho do homem, o Senhor e Redentor.

Como mensageiro do mistério insondável de Deus, Ele diz à Samaritana junto do poço de Jacob: «A salvação vem dos judeus. Mas

vai chegar a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores *hãode adorar o Pai em espírito e verdade*, pois são esses os adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os Seus adoradores em espírito e verdade é que O devem adorar» (Jo 4,22-24).

Bendita seja Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, uma verdadeira adoradora de Deus, em espírito e verdade.

Sim, bendita seja! Amém.

*A procura
da verdade
é já,
no mais íntimo,
uma busca de Deus.*

João Paulo II

HOMILIA DA MISSA

DE CANONIZAÇÃO DE EDITH STEIN

– TERESA BENEDITA DA CRUZ –

JOÃO PAULO II

«Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Gal 6,14).

1. As palavras de S. Paulo aos Gálatas, que há pouco escutámos, condizem bem com a experiência humana e espiritual de Teresa Benedita da Cruz, que hoje é solenemente inscrita no cânone dos santos. Também ela pode repetir com o Apóstolo: «Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo».

A cruz de Cristo! No seu constante florescimento, a árvore da Cruz produz sempre frutos renovados de salvação. Por isso, os crentes olham com confiança para a Cruz, tirando do seu mistério de amor coragem e vigor para caminhar fiéis nas pegadas de Cristo crucificado e ressuscitado. A mensagem da Cruz entrou assim no coração de tantos homens e de tantas mulheres, mudando-lhes a existência.

¹ Homilia da missa de canonização de Edith Stein – Teresa Benedita da Cruz, Roma, 11 de Outubro de 1998. Em *L'Osservatore Romano* 12-13 de Outubro de 1998.

A aventura espiritual de Edith Stein é um exemplo eloquente deste extraordinário renovamento interior. *Uma mulher jovem na procura da verdade*, graças ao trabalho silencioso da graça divina, tornou-se uma santa e uma mártir: é Teresa Benedita da Cruz, que, hoje mesmo, do Céu nos repete a todas as palavras que marcaram a sua existência: «Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Jesus Cristo».

2. No dia 1 de Maio de 1987, durante a minha visita pastoral à Alemanha, tive a alegria de proclamar Beata, na cidade de Colónia, esta testemunha generosa da fé. Hoje, a onze anos de distância, aqui em Roma, na Praça de S. Pedro, é-me dado apresentar solenemente como Santa, perante o mundo inteiro, esta *eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja*.

Como outrora, também hoje nos inclinamos perante a memória de Edith Stein, proclamando o invencível testemunho por ela dado durante a vida e, sobretudo, com a morte. Junto com Teresa de Ávila e com Teresa de Lisieux, esta outra Teresa vai colocar-se entre o rol dos santos e santas que honram a Ordem Carmelita.

Caríssimos Irmãos e Irmãs, que viestes a esta solene concelebração, demos glória a Deus pela obra que realizou em Edith Stein.

3. Saúdo os numerosos peregrinos vindos a Roma, com um particular pensamento para os membros da *Família Stein*, que quiseram estar connosco nesta alegre circunstância. Uma saudação cordial também para a representação da Comunidade carmelita, que se tornou a «segunda família» de Teresa Benedita da Cruz.

Dirijo, ainda, as minhas boas-vindas à *delegação oficial da República Federal Alemã*, presidida pelo ex-Chanceler Federal, Helmut Kohl, a quem saúdo com deferente cordialidade. Saúdo, além disso, os representantes dos Länder Nordrhein-Westfalen e Rheinland-Pfalz, como ainda o Primeiro Prefeito da Cidade de Colónia.

Também da *minha pátria* veio uma *delegação oficial* presidida pelo Primeiro Ministro Jersy Busek. A ela dirijo uma cordial saudação.

Quero reservar uma menção especial para os *peregrinos das dioceses de Breslau (Wroclaw), de Colónia, Münster, Espira, Cracóvia e Bielsko-Zywiec*, presentes com os seus Bispos e sacerdotes.

Estes unem-se à numerosa fileira de fiéis vindos da Alemanha, dos Estados Unidos da América, e da minha pátria, a Polónia.

4. Queridos Irmãos e Irmãs: Porque judia, Edith Stein foi deportada juntamente com a sua irmã Rosa e muitos outros judeus dos Países Baixos para o campo de concentração de Auschwitz, onde, juntamente com eles, encontrou a morte nas câmaras de gás. *Fazemos hoje memória de todos com profundo respeito*. Poucos dias antes da sua deportação, a religiosa, a quem lhe oferecia fazer qualquer coisa para lhe salvar a vida, respondeu: «Não o faça! Porquê deverei eu ser excluída? A justiça não está talvez no facto de que eu não tire vantagem do meu baptismo? Se não posso dividir a sorte dos meus irmãos e irmãs, a minha vida é destruída num certo sentido».

Ao celebrar, doravante, a memória da nova Santa, não poderemos não recordar, de ano em ano, também a *Shoah*, aquele plano de eliminação de um povo, que custou a vida a milhões de irmãos e irmãs judeus. «*O Senhor faça brilhar sobre eles a sua face e lhes conceda a paz*» (Nm 6,25s).

Por amor de Deus e do homem, uma vez mais levanto um grito amargurado: *nunca mais se repita uma semelhante iniciativa criminosa* para nenhum grupo étnico, nenhum povo, nenhuma raça, em nenhum canto da terra! É um grito que dirijo a todos os homens e mulheres de boa vontade; a todos os que crêem no Deus eterno e justo; a todos os que se sentem unidos a Cristo, Verbo de Deus incarnado. Todos devemos encontrar-nos solidários nisto: *está em jogo a dignidade humana*. Existe uma só família humana. Isto afirmou a nova Santa com grande insistência: «O nosso amor para com o próximo – escrevia – é a medida do nosso amor a Deus. Para os cristãos – não só para eles – ninguém é “estrangeiro”. O amor de Cristo não conhece fronteiras».

5. Caros Irmãos e Irmãs: *O amor de Cristo foi o fogo que incendiou a vida de Teresa Benedita da Cruz*. Mesmo antes de se dar conta, foi completamente cativada por Ele. No princípio o seu ideal foi *a liberdade*. Edith Stein viveu, durante muito tempo, a experiência da procura. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e, no fim, foi premiada: conquistou a verdade, ou melhor, foi conquistada por ela. Descobriu, com efeito, que a verdade tinha um nome: Jesus

Cristo; e desde aquele momento, o Verbo incarnado foi tudo para ela. Olhando como carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma beneditina: «Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente procura a Deus».

Apesar de ter sido educada na religião judaica pela mãe, aos catorze anos, Edith Stein «deixou, conscientemente e de propósito, a oração». Queria contar só consigo mesma, preocupada com afirmar a própria liberdade nas opções da vida. No fim do longo caminho, foi-lhe dado chegar a uma constatação surpreendente: *só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre*.

A experiência desta mulher, que enfrentou os desafios de um século atormentado como o nosso, torna-se exemplar para nós: o mundo moderno ostenta a porta alargada do permissivismo, ignorando a porta estreita do discernimento e da renúncia. Dirijo-me especialmente a vós, jovens cristãos, em particular aos numerosos acólitos reunidos nestes dias em Roma: *Guardai-vos de conceber a vossa vida aberta a todas as escolhas!* Escutai a voz do vosso coração! Não fiquéis na superfície, mas *ide ao fundo das coisas!* E, quando chegar o momento, tende a coragem de vos decidir! O Senhor espera que ponhais a vossa liberdade nas suas mãos misericordiosas.

6. Santa Teresa Benedita da Cruz chegou a compreender que o amor de Cristo e a liberdade do homem se entrecruzam, porque *o amor e a verdade têm uma relação intrínseca*. A procura da verdade e a sua tradução no amor não lhe pareceram estar em contraste: ao contrário, ela compreendeu que se reclamavam reciprocamente.

No nosso tempo, a verdade é confundida, muitas vezes, com a opinião da maioria. Além disso, é difundida a convicção de que se deve servir da verdade até contra o amor e vice-versa. Mas, *a verdade e o amor têm necessidade um do outro*. A Irmã Teresa Benedita é testemunha disso. A «mártir por amor», que deu a sua vida pelos amigos, não se deixou superar por ninguém no amor. Ao mesmo tempo, procurou com todo o seu ser a verdade, da qual escrevia: «Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes trabalhos. Essa desafia sempre o homem inteiro».

A Irmã Teresa Benedita da Cruz diz-nos a todos: Não aceiteis como verdade nada que seja privado de amor. E não aceiteis nada

como amor que seja privado de verdade! Um sem a outra torna-se mentira, uma mentira destrutiva.

7. A nova Santa ensina-nos, enfim, que o amor a Cristo passa *através* da dor. Quem ama de verdade não se retrai perante a perspectiva do sofrimento: aceita a comunhão na dor com a pessoa amada.

Consciente do que implicava a sua origem judaica, Edith Stein teve a este respeito palavras eloquentes: «Sob a cruz compreendi a sorte do povo de Deus... De facto, conheço hoje muito melhor o que significa ser a esposa do Senhor no sinal da Cruz. *Mas porque é um mistério, nunca poderá ser compreendido apenas com a razão.*

O mistério da cruz envolveu, pouco a pouco, toda a sua vida até levar ao oferecimento supremo. Como *esposa sobre a cruz*, a Irmã Teresa Benedita não escreveu apenas páginas profundas sobre «*A Ciência da Cruz*», mas percorreu profundamente o caminho na *escola da cruz*. Muitos dos nossos contemporâneos quiseram fazer calar a cruz. *Mas nada é mais eloquente do que a cruz posta a calar! A verdadeira mensagem da dor é uma lição de amor. O amor torna fecunda a dor, e a dor aprofunda o amor.*

Através da experiência da Cruz, Edith Stein poderá abrir uma passagem para *um novo encontro com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob*, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fé e cruz revelaram-se-lhe inseparáveis. Amadurecida na escola da cruz, descobriu as raízes a que estava ligada a árvore da própria vida. Compreendeu que era muito importante para ela «ser filha do povo eleito e pertencer a Cristo não só espiritualmente, mas também por um laço de sangue».

8. «Deus é espírito, e os que O adoram devem adorá-l'O em espírito e verdade» (Jo 4,24).

Caríssimos Irmãos e Irmãs: Com estas palavras, o divino Mestre conversa com a Samaritana, junto do poço de Jacob. Quanto Ele deu à sua ocasional, mas atenta interlocutora encontramos-lo presente também na vida de Edith Stein, na sua «Subida do Monte Carmelo». A profundidade do mistério divino tornou-se-lhe perceptível no silêncio da contemplação. Na medida em que, ao longo da sua existência, amadurecida no conhecimento de Deus, adorando-O em espírito e verdade, experimentava, sempre mais claramente, a sua específica vocação a subir à cruz com Cristo, a abraçá-la com serenidade e confiança, a amá-la, seguindo os

passos do seu Esposo dilecto: Santa Teresa Benedita da Cruz é-nos apresentada hoje como modelo em quem devemos inspirar-nos e como protectora a quem devemos recorrer.

Damos graças a Deus por este dom. A nova Santa seja para nós um exemplo no nosso *compromisso ao serviço da liberdade*, na nossa *procura da verdade*. O seu testemunho sirva para tornar sempre mais firme a *ponte da compreensão recíproca entre judeus e cristãos*.

Tu, Santa Teresa Benedita da Cruz, ora por nós! Amen.

Considero sempre
esta paz
como um
extraordinário dom da graça,
que não é dado a ninguém
para eles só;
e quando alguém vem a nós
angustiado e destrozado
e leva daqui
um pouco de paz e consolo,
sinto-me
enormemente feliz.

Para saber mais sobre a nova Santa,
Edith Stein,
com textos em português:

- Eduardo T. Gil de Muro, *Imolação por Amor*, traduzido do original espanhol *Edith Stein. Ahora que son las doce*, Editorial A. O. - Edições Carmelo, Oeiras 1989, 184 pp., preço: 1.000\$00.

- Mário Vaz, *Edith Stein. Uma síntese dramática do séc. XX*, Edições Carmelo, Paço de Arcos 1998, 168 pp., preço: 1.200\$00.

- *Revista de Espiritualidade* 25 (1999), 80 pp., preço do número: 850\$00.

Pedidos a:

**Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780-564 PAÇO DE ARCOS**

